

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS - EPPEN
Curso de Relações Internacionais

CAMILA VICENTIN MATA DOS SANTOS

Nacionalismo Russo:
da derrocada na Era Gorbachev/Yeltsin ao renascimento na Era Putin

Trabalho de conclusão de curso entregue
no formato de monografia, conforme
definido pelo Projeto Pedagógico do
Curso do Curso de Relações
Internacionais e em cumprimento das
DCNs do curso de Relações
Internacionais (MEC/CNE)
Orientado(a): Prof Rodrigo
Medina Zagni

Osasco

2022

RESUMO

O presente artigo visa analisar os discursos e outros métodos políticos do presidente russo Vladimir Putin como instrumentos para a reconstrução da identidade nacional do país. O texto apresenta a construção bem como as bases do nacionalismo russo e suas referências, partindo da explanação dos conceitos de nação e nacionalismo. Como hipótese principal, o trabalho constata a importância do discurso na construção das identidades nacionais dos Estados modernos com o adensamento no exemplo russo e suas especificidades, em complemento ao embasamento analítico do desenvolvimento cronológico dos eventos, e seus desdobramentos, e recursos que possibilitaram o resgate da nação de uma profunda crise de identidade após a desintegração da União Soviética.

ABSTRACT

The present article focus on studying discourse and other political methods used by Russian president Vladimir Putin as instruments for the reconstruction of the country's national identity. The text introduces the basis and construction of Russian nationalism and its references, beginning with the explanation of nationalism and concepts of nation. As the main thesis, this article validate the discourse importance on the construction of a national identity in the Modern States, with the implementation on the Russian example and its specificities, in complement to analytical premises of event's chronological development, ramifications, and means that granted the possibility to rescue a nation from a deep identity crisis after the dissolution of the Soviet Union.

PALAVRAS CHAVE: nacionalismo; nação; Rússia; capitalismo; identidade.

KEY-WORDS: nationalism; nation; Russia; capitalism; identity.

A conjuntura russa no século XX foi repleta de momentos de êxito que, no entanto, não perduraram; de uma paisagem predominantemente agrária, pastoril e proto-industrial, quando da Revolução de 1917, à superpotência econômica e política, com expressivo poderio militar, a Rússia foi demovida dessa condição pelo colapso de seu regime político ao cabo da Guerra Fria. O país foi da eclosão da Revolução Comunista que pôs fim ao Império dos Czares, à Guerra Fria, em confronto direto com os Estados Unidos, poder hegemônico saído da Segunda Guerra Mundial e apenas ali questionado por um poder de equivalente grandeza. A disputa terminou com a derrota da União Soviética e de seu regime político-econômico, o socialismo, e promoveu o início de uma transição absolutamente agressiva para o

“capitalismo selvagem”¹. Em meio a tantas mudanças, da superestrutura política à estrutura econômica, incluindo questões ideológicas e, deste todo, sociais, encontrava-se a população russa, extremamente impactada e fragilizada pelo novo cenário e, nele, suas incertezas.

Apesar de tratar-se de um processo complexo e passível de estudo numa miríade de abordagens, nosso foco encontra-se nas mutações que experienciaram as concepções de identidade nacional, nação e nacionalismo no período de 1985 à 2008. Ou seja, como as severas mudanças políticas concentradas neste período repercutiram no complexo identitário do povo russo. Este intervalo temporal, representado pela aniquilação do regime da antiga União Soviética e a transição para o capitalismo, constitui um ciclo extremamente singular e simbólico na história das relações internacionais, que demonstra não apenas como as mudanças verticais no cenário político são capazes de afetar a economia e a superestrutura institucional de um país, mas também penetrar em instâncias mais profundas: das identidades sociais, mais especificamente, de uma identidade nacional russa.

O elemento essencial na formação da identidade da nação russa moderna é sua comparação ao Ocidente². Durante o século XX, a construção da imagem do Ocidente como o “Outro” foi agravada especialmente pela implantação do socialismo na Rússia em contraste com o capitalismo que dominava a maior parte do sistema internacional. Após a Segunda Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria e a bipolarização do sistema, o “Outro” que antes era a Europa Ocidental, passou a se manifestar na figura da superpotência ocidental, os Estados Unidos³. Assim, uma vez que o elemento caracterizador de sua identidade - a oposição ao ocidente capitalista capitaneado pelos EUA, passou a invadir sua existência cotidiana e trouxe ao âmago da sociedade russa todos os elementos que por décadas foram rechaçados por seu sistema de crenças e valores, e agora deveriam ser incorporados como parte de suas vidas, era esperado que a identidade nacional fosse abalada. Essas bruscas mudanças repercutiram sobre os mais variados aspectos da vida do povo russo mas, sobretudo, no que podemos chamar de mentalidades, de tal modo que esta passou a questionar-se sobre sua própria identidade enquanto nação, compreendida esta como “comunidade de sentimentos” ou “comunidade imaginada” em uma intensidade

¹ OKUNEVA, Liudmila. Os 25 anos da Política Externa da URSS/Rússia: questões-chave, evolução, perspectivas (1985-2010). In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.). p. 29

² TOLZ, Vera. Russia. Série “Inventing the Nation”. Londres: Arnold; Nova York: Oxford University Press, 2001. p. 69

³ *Ibid.*, p. 116

demasiadamente mais profunda do que já havia se visto em outros períodos, como explica Tolz

After the downfall of the USSR, Russians in effect were confronted with the fact that their previous attempts at nation - and state-building had failed. [...] in the Russian/Soviet case, the end of empire disrupted the basic state structure. In December 1991 Russia's borders shrunk almost to those of Muscovy in the early seventeenth century. The answer to the question: “who are we, the Russian people?” suddenly became more unclear than it had seemed to be for Russian nation-builders when it was first posed in the eighteenth century.⁴

A abertura do país para os elementos de transição se iniciou no mandato de Gorbachev em 1985 - que apesar de ser um reformista e não ter como intuito o fim do comunismo, foi responsável pelo processo que “solapou as rasas fundações da unidade econômica e política da URSS”⁵, através de suas políticas *perestroika* e *glasnot*, que propunham a democratização do sistema socialista em conjunto com a “aceleração do desenvolvimento econômico”⁶ e a liberdade de informação, respectivamente. O ápice das transformações se deu no governo de Boris Yeltsin, presidente da Rússia no período de 1991 a 1999. Yeltsin pertencia ao grupo Ocidentalista, que defendia a inclusão do país em uma economia de mercado, o que verificou-se rapidamente em sua administração, conforme Liudmila Okuneva,

O início das reformas (1992) que pareciam realizar-se segundo um “manual de neoliberalismo” apresentava em forma clássica todos os componentes da “terapia de choque”, preços livres, liberalização do comércio exterior, privatizações. [...] A liberalização da economia, a dura política monetarista produziram um crescimento brusco dos desequilíbrios sociais. A subida vertiginosa dos preços aniquilou as poupanças da população. A sociedade não estava preparada para tais reformas e sofreu um colossal choque psicológico.⁷

O insucesso das políticas arremessara o país em uma crise econômica e social, que de acordo com o relatório *Mode of Life and Living Standards of Russian Population in 1990-2009*, jogou um terço da população abaixo da linha da pobreza, em 1992. Nos primeiros anos do governo Yeltsin a pauperização do país, o alinhamento não apenas pró Ocidente, mas

⁴ *Ibid.*, p. 235

⁵ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 468

⁶ OKUNEVA, *op. cit.*, p. 25

⁷ *Ibid.*, p. 29

submisso a ele ao tratá-lo como um “professor do mundo”⁸, estabelecido por Yeltsin em busca da aceitação da Rússia entre as nações ocidentais, assim como a rejeição do passado russo para viabilizar esse projeto liberalizante, foram responsáveis por aprofundar a crise de identidade iniciada em Gorbachev. Do meio para o final de seu governo Yeltsin se viu obrigado a mudar seus posicionamentos devido a uma série de complicações que suas políticas geraram, no entanto não foram capazes de reverter os danos causados.

O presidente posterior, Vladimir Putin, assumiu o governo visando a reconstrução da Rússia, do orgulho de sua nação e o reposicionamento em seu lugar no mundo. A Rússia entregue a Putin pela renúncia de Yeltsin em 1999 exibia evidentes sinais de um país severamente debilitado socialmente, especialmente devido à crise de identidade nacional aprofundada na década de noventa. Com o fim da União Soviética e a transição de regimes, diversos elementos que oferecem coesão social e conexão à nação — como são os hinos, as bandeiras, e as cerimônias de celebração, foram apagados da vida cotidiana russa, uma vez que símbolos que exaltassem o comunismo, os proletários e a cultura soviética como um todo, já não faziam mais sentido em um Estado que se esforçava para ser visto como um pertencente incontestável do Ocidente. O hino é um elemento que contribui para a reafirmação da concepção de nação e simboliza a manifestação física da comunidade imaginada⁹, e como explica Schwarcz¹⁰

Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados "naturais e essenciais"; pouco passíveis de dúvida e de questionamento. O uso do "nós", presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade e apague o que existe de "eles" e de diferença em qualquer sociedade.

Contrastando seu antecessor que negligenciou as lacunas de símbolos criadas, Putin as colocou em um patamar mais elevado de prioridade criando já em 2000 um novo hino nacional para a Rússia. Assim, a elaboração de um novo hino nacional pode ser analisada como parte de um projeto de construção de identidade ou resgate de elementos da nação em um outro período, o que podemos verificar na escolha de Putin em utilizar a mesma melodia do hino soviético realizando apenas a alteração de sua letra. Outra manifestação da exaltação

⁸ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 60

⁹ ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p. 203

¹⁰ *Ibid.*, p. 17

de eventos da cultura russa foi também a escolha da águia de duas cabeças como símbolo do Estado, uma alusão direta ao período czarista. Em resposta às críticas, a defesa de suas decisões se pautou na recordação das vitórias realizadas nestes períodos que também estão associadas a estes símbolos. Acompanhado de uma melhora econômica, o primeiro governo Putin rompeu com diversos pontos de política externa em relação a Yeltsin, a exemplo, apesar de manter certa continuidade na relação de inclusão da Rússia no Ocidente e suas organizações, o fez reconhecendo seu país como detentor de cultura e interesses próprios.

Tendo este panorama em vista, o presente trabalho pretende analisar duas hipóteses. A primeira hipótese a ser verificada é como a transição da URSS para o capitalismo selvagem, nos governos de Gorbachev e principalmente de Boris Yeltsin, que ocasionou danos às estruturas econômicas, políticas e especialmente sociais russas, teria resultado na crise da identidade nacional russa. A segunda hipótese refere-se aos governos seguintes liderados pelo presidente Vladimir Putin e busca comprovar se houve a ressignificação da ideia de nação e pertencimento à pátria russa através de suas estratégias políticas e discursivas.

Como nacionalismo e nação são termos usados corriqueiramente sem um aprofundamento do que significam é possível que se pense que analisar o desenvolvimento do nacionalismo russo em um período delimitado como 1985 à 2008 seja um recorte pouco expressivo, no entanto, esta temática aborda na realidade diversas naturezas do Estado e da nação para ser compreendido, como a relação de ambos e destes com o exterior, tornando seu estudo de grande contribuição e valor para as Relações Internacionais. Além de possuir uma dimensão social importante ao elucidar práticas políticas de um Estado responsáveis por efeitos tão exacerbados sobre os indivíduos. Ademais, o estudo da história contemporânea russa na academia brasileira conta com poucas produções orientadas para como fora afetado o povo russo nesse período.

Seria impossível compreender as dimensões do nacionalismo em um país e suas singularidades sem antes nos dispormos a analisar o que significam termos como identidade nacional, nação e nacionalismo em si, assim, a base teórica principal deste trabalho se sustenta na obra *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* de Benedict Anderson e nos estudos em *as Invenções das Tradições* e em *Nações e Nacionalismos desde 1780* ambos de Eric Hobsbawm, emprestando também elementos conceituais de outros estudos, como por exemplo, as contribuições de Katherine Verdery e Anthony D. Smith no livro *Um Mapa da Questão Nacional* de Gopal Balakrishnan.

A partir desses autores teremos uma ampla compreensão de que maneira se desenvolveram as bases que permitiram o surgimento dos nacionalismos e das nações na Europa, assim como se deu o desenvolvimento desses fenômenos, que nascidos de um processo histórico natural e horizontal, se transformaram em instrumentos de administração e poder de Estado.

Os discursos proferidos pelos líder russo Vladimir Putin que comanda a Rússia no período analisado carregam forte caráter ideológico, sendo perceptíveis os princípios econômicos, políticos e nacionais que pretendiam se impor sobre a nação. Desse modo, a linguagem e o discurso são importantes vetores para a compreensão do contexto da época. Os discursos não se limitam à pura representação: estes possuem um papel superior, assumindo igualmente um valor de construção da realidade, principalmente os de líderes nacionais. Assim, de acordo Tomas Ibanez Gracia¹¹

a linguagem é também, e conseqüentemente, "ação sobre os demais", chegando, inclusive, a constituir um dos principais instrumentos ao que recorreremos para incidir, com maior ou menor êxito segundo as circunstâncias, sobre nossos semelhantes.

Por serem capazes de influenciar sobre o que Iñiguez denomina como a construção do social, através do estudo dos discursos poderemos traçar paralelos com os dados políticos, econômicos e sociais, que demonstram como as mudanças ideológicas durante a Era Putin reacenderam o nacionalismo russo. O livro de Lupicinio Iñiguez, o “Manual para Análise do Discurso em Ciências Sociais”, será o guia para viabilizar a condução dessas análises metodológicas. Desse modo, a metodologia empregada neste TCC será a de análise de discursos, em conjunto com a análise de conteúdo, que segundo Severino “interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras”¹² e a pesquisa bibliográfica, que contará com a contribuição do conhecimento produzido por estudiosos sobre o nacionalismo e a história russa. Os discursos estão disponíveis transcritos em inglês no acervo digital público do Estado russo.

Por fim, este TCC encontra-se dividido em 3 capítulos: a primeira seção se destina a discutir os conceitos de nação e nacionalismo a partir de suas origens até a utilização destes por parte do Estado moderno, assim como a importância do discurso na construção recorrente das identidades nacionais. Já o segundo capítulo expõe uma análise aprofundada de uma das

¹¹ ÑIGUEZ, Lupicinio. et al. Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. 2a edição. Petrópolis: Editora Vozes. 2005. p. 40

¹² *Ibid.*, p. 112

faces do nacionalismo russo especialmente durante o século XX. E por fim, adentramos as análises dos discursos de Vladimir Putin realizados na Assembléia Federal da Rússia entre 2000 e 2008, e dos discursos proferidos anualmente nas celebrações dos feriados nacionais do Dia da Rússia (12 de junho), da Vitória da Guerra Patriótica (9 de Maio) e do Dia da Unidade Popular (4 de novembro) e o Dia do Defensor da Pátria (23 de Fevereiro), assim como outros métodos políticos utilizados pelo presidente na reconstrução da identidade nacional.

A NAÇÃO, O NACIONALISMO E O ESTADO

A fim de podermos analisar nos capítulos seguintes os projetos políticos, que se manifestavam nas práticas discursivas e na administração de dispositivos sociais e educacionais, do presidente Vladimir Putin, e quais efeitos almejavam obter sobre a percepção de identidade do povo russo, se torna fundamental que neste primeiro capítulo um passo atrás seja dado para adentrarmos uma breve discussão acerca do que se referem termos como nação e nacionalismo. Assim, poderemos, em seguida, exhibir a profunda relação entre os conceitos exibidos, a nossa metodologia e o processo de formação das identidades nacionais a partir dos aparatos do Estado, em especial, os discursos.

Imaginando a Nação

Díficeis são os conceitos políticos dotados de consenso entre os intelectuais, assim ingênuo seria imaginarmos que para *nação* e o *nacionalismo* poderia ser de alguma forma diferente. Dentre os caminhos disponíveis no debate acadêmico aqui optamos por nos basear no que Anthony D. Smith nomeou como *nações como constructos nacionalistas*¹³, ideia que ilustraremos a partir, especialmente, das elaborações teóricas de dois autores essenciais para o tema: Benedict Anderson, que concebe a nação enquanto uma *comunidade política imaginada* e o *nacionalismo* como um produto intrínseco do processo de imaginação dessa comunidade que encontra em seu formato final a devoção dos indivíduos por sua própria invenção da nação; e Eric Hobsbawm com sua famosa análise histórica em *Nações e*

¹³ SMITH, Anthony D. O Nacionalismo e Os Historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Organizador). Um Mapa da Questão Nacional. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000. cap. 6, p. 195

Nacionalismo desde 1780 que nos ajudará a compreender principalmente a continuidade da relevância do nacionalismo nos séculos XX e XXI.

A definição de nação apresentada por Benedict Anderson é a de uma *comunidade política imaginada* e esta possui quatro classificadores fundamentais que nos permitem compreender sua essência: a imaginação, a soberania, a limitação e a comunidade em si. A nação enquanto *imaginada* deriva da premissa de que por mais que não seja possível conhecer todos os membros que a constituem, exista uma “imagem viva da comunhão entre eles”¹⁴. Os laços de fraternidade que possuem os amalgamam em uma *comunidade* de “camaradagem horizontal”¹⁵, relativizando até mesmo as desigualdades que possam existir dentro de si. Já a percepção de sua existência enquanto *limitada* e *soberana* referem-se aos aspectos da formação do Estado moderno, e significam, respectivamente, as fronteiras finitas que delimitam a nação a uma específica extensão territorial (e também seu aspecto consciente em relação a inviabilidade de uma nação ser constituída por toda a população terrestre), e a soberania estatal, que respaldada pelo Iluminismo e pela Revolução do período do surgimento do conceito, no choque contra os reinos dinásticos, conferiram a nação a liberdade da dominação divina.¹⁶

Nos estudos de Anderson somos guiados a acompanhar as circunstâncias que propiciaram que as nações pudessem ser imaginadas e criados os vínculos emocionais entre elas e os indivíduos que as constituem, sua teoria acompanha dois momentos significativos e seus resultados para a Europa dos séculos XVII e XVIII, sendo estes momentos: o início da dissolução dos principais sistemas culturais vigentes — a comunidade religiosa e o reino dinástico; e as intersecções encontradas entre capitalismo, imprensa e as mutações linguísticas, que promoveram o que chamou por capitalismo editorial.

Para Anderson, com o avanço das convicções iluministas e secularistas, se visualizou na Europa o declínio da religião, e uma vez que a religião possuía uma conexão tão expressiva com seus fiéis, a partir da crise religiosa, eclodiu também uma crise individual e ao mesmo tempo coletiva. Com o afrouxamento do domínio religioso sobre as mentes dos indivíduos abriu-se espaço para questionamentos de temas que antes encontravam na fé cristã respostas tidas como verdades incontestáveis, especialmente em relação à morte e a

¹⁴ ANDERSON, *op. cit.*, p. 33

¹⁵ *Ibid* p. 34

¹⁶ *Ibid* p. 33-35

possibilidade de continuidade da vida. Desse modo, como explica Anderson, a ausência de alívio para os sofrimentos que antes eram acomodados pela fé constituía uma “treva moderna”¹⁷, produzindo um vácuo que almejava por ser preenchido.

Com a crise religiosa, as inquietações não permaneceram apenas no nível interno-individual, mas se estenderam para a esfera coletiva-pública gerando dúvidas acerca da estrutura que destinava o poder as dinastias. Como explica Anderson, gradativamente deixava de se sustentar a noção de separação divina entre os monarcas e os outros homens e mulheres que constituíam a camada do povo, e colocava-se em dúvida também a lealdade e submissão obrigatória existente nesta dinâmica de poder. Deste modo, é nesta conjuntura de rompimento com princípios tão emaranhados ao corpo social que apresenta-se a possibilidade de uma busca por “uma nova maneira de unir significativamente a fraternidade, o poder e o tempo”¹⁸. Assim, cientes da crise estabelecida e do fato dos indivíduos estarem envolvidos em novas formas de pensar, poderemos entender como o capitalismo editorial se encaixou na trajetória que permitiu se imaginar a nação.

A mesma conjuntura que ocasionou no enfraquecimento dos sistemas religiosos, por outro lado, nesse momento proporcionou um fortalecimento do capitalismo e, para Anderson, foi o estabelecimento desse modo de produção combinado a uma ascensão da imprensa, que possibilitou que se alterassem as formas pelas quais os indivíduos interpretavam o mundo. Anderson nos explica que no arranjo dos sistemas religiosos o mundo era compreendido em termos visuais, através das estátuas, dos vitrais, das ilustrações, e em termos auditivos, através dos sermões, das histórias bíblicas, e a porção existente em escrita era inacessível ao público, uma vez que seu idioma era o latim e apenas aqueles que possuíam acesso ao latim acabavam por ser os padres, cleros, e outros líderes da Igreja. Com a imprensa, a mudança encontrada na forma de aprender o mundo, se referia ao fato do conhecimento ser transmitido em uma língua que podia ser acessada, fosse esta o italiano, o francês, ou o inglês, e mais importante, reproduzida incontáveis vezes, como resume Anderson: “se o conhecimento pelos manuscritos era um saber restrito e arcano, o conhecimento pela letra impressa vivia da reprodutibilidade e da disseminação”¹⁹. Dois outros frutos do capitalismo tipográfico são descritos por Anderson como também fundamentais o processo que viria permitir a

¹⁷ *Ibid p. 38*

¹⁸ *Ibid p. 70*

¹⁹ *Ibid p. 71*

imaginação da nação: a alteração na percepção temporal, na qual o tempo se tornou vazio e homogêneo; e a fixidez concedida a língua que apresentou uma redução nas mudanças que sofriam as línguas com o tempo e permitiu que fossem acessadas mais facilmente o que fora escrito por nossos antepassados, gerando uma ideia de antiguidade. Então, de acordo com a teoria de Anderson, a junção destes elementos na forma material de jornais e romances é que possibilitou os meios para a imaginação da nação.

Como o material impresso, no formato de jornais e romances, são produtos culturais fictícios, podemos entender por fim de que forma em um contexto de crise do sistema de crenças vigentes, as publicações desses materiais, ao oferecer novos sentidos, significados, histórias, mitos, contos e lendas acerca de um povo em um território delimitado, tenha se tornado o que Anderson descreve como “meios técnicos para “re-presentar” o tipo de comunidade imaginada correspondente a nação”²⁰. É com a possibilidade, fornecida pela língua impressa, de se imaginar e narrar uma história sobre um passado comum de um povo, exaltando os recortes de orgulho e comunhão, reproduzindo mitos e produzindo “amnésias típicas”²¹ relacionadas às discrepâncias que poderiam alterar a narrativa, que somos convidados por Anderson a entender que esse processo ocasionou no reconhecimento, por parte dos indivíduos, de sua comunidade imaginada enquanto uma nação. Como bem sintetiza Lilia Schwarz:

É por meio do material impresso que a nação se converte numa comunidade sólida, recorrendo constantemente a uma história previamente selecionada. (...) Por meio da língua, que conhecemos ao nascer e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados.²²

Resultando de todo este processo de crise e reencontro de uma nova verdade incontestável na imaginação da nação, Anderson destaca o fenômeno mais importante do vínculo entre o indivíduo e a nação: o amor. Pois para o autor as nações inspiram amor, e esse amor tão desmedido é capaz de colocar em contestação até mesmo o princípio mais primário na existência humana, a autopreservação, já que pela nação se dispõe a morrer. As demonstrações desse amor, para Anderson, podem ser verificadas nas palavras utilizadas na

²⁰ *Ibid* p. 55

²¹ ANDERSON, *op. cit.*, p. 278

²² SCHWARCZ, Lilia M. Imaginar é difícil (porém necessário). In: Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p. 13-14

descrição da nação, que em geral remetem-se a termos de afeto e familiaridade, como lar, pátria, e no caso russo, a “Mãe Rússia” ou “Sagrada Rússia”. Assim, podemos constatar que a partir de uma combinação não intencional de fatores em um contexto político-cultural específico, se engendraram as bases que possibilitaram imaginar a nação, surgindo a ideia de “nós”, e conseqüentemente “eles”, em termos nacionais e com um profundo apelo emocional.

Entendida a definição de nação e sua construção para Anderson, no intuito de darmos seguimento com a compreensão de sua evolução durante o século XVIII e prosseguirmos com a análise das dinâmicas e mudanças dos séculos XIX e XX, demanda-se uma elucidação de forma precisa e definida do termo “nacionalismo”. Desse modo, emprestaremos aqui três afirmações de Hobsbawm para melhor entendermos nossos conceitos. Em primeiro lugar assim como Hobsbawm adotaremos a concordância com a definição de Gellner de nacionalismo enquanto “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”²³. E seguiremos assim como o autor a lógica da ordenação entre a nação e o nacionalismo na qual os nacionalismos são os formadores das nações (e não o contrário como equivocadamente podem presumir). Por fim, entendemos também que os nacionalismos são fenômenos complexos e duais, sendo constituídos por movimentações e idealizações tanto pelo alto quanto por baixo.

Com Anderson pudemos compreender de que modo até então os laços nacionais estabelecidos se deram de forma horizontal, contudo, já na segunda metade do século XIX na Europa apresenta-se uma alteração importante na forma de conceber os nacionalismos, que permitiu que os mesmos tornassem-se alvos de confabulações por parte das dinastias, e subsequentemente pelos Estados soberanos. O que até então se manifestava em um movimento horizontal entre indivíduos encontrou meios de se engendrar de cima para baixo. Neste momento surgiram os fenômenos denominados por Seton-Watson como “nacionalismos oficiais”²⁴. De acordo com Benedict Anderson, tais nacionalismos oficiais foram aqueles configurados pelas dinastias em reação aos movimentos nacionais que afluíam desde 1820. Como observamos as dinastias não eram dotadas de conexões emocionais ou identificatórias com os indivíduos que as compunham, e seu respaldo encontrado na religião e nas sacralidades monárquicas estava em crise, portanto em sua

²³ ANDERSON, *op. cit.*, p. 18

²⁴ ANDERSON, *op. cit.*, p. 127

persecução pelo poder e manutenção do status quo, algumas adaptações careciam de ser feitas. Como bem exemplifica Hobsbawm no excerto abaixo:

Nem podemos esquecer que os Estados, qualquer que fosse sua constituição, teriam doravante que dar-se conta de seus sujeitos, pois, na Era das Revoluções, tornara-se mais difícil governá-los. Como expressou o libertador grego Kolokotronis, não era mais verdade que “o povo pensa que os reis são deuses sobre a terra e que sua obrigação é dizer que o que reis fazem está bem feito”. A divindade não mais os cercava. Quando em 1825 Carlos X da França reviveu a antiga cerimônia de coroação em Reims e também (relutantemente) a cerimônia da cura mágica, apenas 120 ficaram curadas de escrófula pelo toque real. Na última coroação antes da dele, em 1774, 2.400 pessoas haviam sido curadas.²⁵

Considerando a trajetória inicial dos nacionalismos é de se questionar como seria possível casar reinos dinásticos e nacionalismos, uma vez que possuíam sentidos essencialmente opostos, sendo o primeiro sustentado pela ideia da sacralidade e sua população “composta de súditos, não de cidadãos”²⁶, enquanto o segundo fora originado ao redor dos princípios do “capitalismo, do ceticismo e da ciência”²⁷. Para essa questão Benedict Anderson possui duas explicações: a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Americana (1776). A experiência das duas revoluções, combinadas ao panorama geral da crise de identidades europeia, tornava a administração dos Estados dinásticos mais desafiadora no que tange o controle social e a conservação da autoridade estatal. No entanto, ao mesmo passo em que as transformações geradas pelas revoluções agravavam a instabilidade da legitimação dinástica, estas forneciam para as dinastias também uma solução (mesmo que temporária). De acordo com Anderson, uma vez que os nacionalismos se modelaram na França e nos Estados Unidos estes se tornaram modulares e poderiam ser copiados mesmo que as trajetórias históricas que os desenvolveram não fossem as mesmas, deste modo, em uma antecipação dos rumos que poderiam ser tomados vindos de baixo, as dinastias passaram a absorver as inovações desenvolvidas nos estados pós-revolucionários criando a partir delas um nacionalismo de Estado — um nacionalismo oficial. Deste modo, como as dinastias não possuíam uma legitimidade nacional (a exemplo os Romanov na Rússia governavam 6 povos distintos), e a ideia nacional se alastrava pela Europa, a urgência por uma identificação nacional encontrava na forma “modular” do nacionalismo uma escapatória. Por Anderson a

²⁵ HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 35

²⁶ *Ibid.*, p. 48

²⁷ *Ibid* p., 130

definição do nacionalismo oficial é: “uma estratégia de antecipação adotada por grupos dominantes ameaçados de marginalização ou exclusão de uma nascente comunidade imaginada em termos nacionais.”²⁸. Sendo alguns de seus instrumentos políticos:

o ensino primário obrigatório sob o controle do Estado, a propaganda estatal organizada, a reescrita oficial da história, o militarismo — aqui mais como espetáculo do que como realidade — e os intermináveis discursos pela afirmação da identidade dinástica e nacional.²⁹

Durante a exposição dos casos específicos Benedict Anderson aborda sucintamente a experiência russa, a qual teve sua política nacionalista dinástica chamada de **Russificação**. A Rússia do século XVIII ainda não podia ser chamada de nação e seu pensar nacional no primeiro quarto do século XIX ainda era extremamente embrionário. No entanto dois acontecimentos representavam, de acordo com Vera Tolz, que o nacionalismo já constituía um fenômeno presente no império russo: o primeiro sendo a revolta Dezembrista de 1825, na qual oficiais do exército frustrados com os retrocessos políticos do czar em relação às tendências liberais tentaram forçá-lo a aceitar suas demandas; e o segundo a revolta polonesa de 1830, chamado de Levante de Novembro, sob a alegação de que os poloneses já possuíam uma nação própria constituída e exigiam emancipação do domínio do Império Russo. Por mais que ambas as manifestações de cunho nacionalista tenham sido reprimidas pelo czar, a mera existência dessa espécie de articulação dentro de camadas do exército e da sociedade civil eram por si só um sinal de alerta. Desse modo, portanto, a política de Russificação nascia como defesa da dinastia. O idealizador da Russificação fora o membro do governo czarista russo Sergei Uvarov e sua proposta era que a Rússia a existência russa se alicerçasse em três fundamentos: a ortodoxia, a autocracia e a nacionalidade.

The emphasis on Orthodoxy was also a reaction to and a rejection of the religious scepticism of eighteenth-century Russian intellectuals, whose world view had been shaped by the secular ideas of the European Enlightenment. Autocracy, which Karamzin twenty years earlier had reaffirmed was the most suitable form of government for Russia, signified that the constitutional experiments of the reigns of Catherine II and Aleksandr I were at an end. Nationality, the least clear of all, seemed to refer to the national character, the unspoiled wisdom of ordinary people and devotion to the Russian heritage (probably pre-Petrine) which had distinguished Russia from Western Europe. According to ideologists of official nationality, one of

²⁸ *Ibid.*, p. 150

²⁹ *Ibid.*, p. 150

the main virtues of the Russian national character was humility, best manifested in the people's voluntary acceptance of the unlimited powers of the tsar.³⁰

Sob Alexandre III (1881 - 1894) teriam se iniciado as medidas russificantes mais intensivas. Tolz nos explica que durante o reinado de Alexandre II, “O Libertador” (1855 - 1881) reformas políticas e econômicas foram implementadas baseadas em modelos europeus ocidentais, dentre as quais menciona: a emancipação dos servos em 1861, a criação de eleições para as assembléias governamentais locais, a expansão da educação primária e a redução de censura. No entanto essas medidas, por mais que fossem consideradas progressistas para alguns setores russos, ainda assim não teriam sido suficientes para apaziguar as cisões nacionais que já se instalavam no país, e uma série de ataques terroristas a elite se inflamaria até o o assassinato, em 1881, do czar Alexandre II³¹. Dessa forma, de acordo com Tolz, no entendimento dos últimos dois czares (Alexandre III e Nicolau II) russos a liberalização constituía um risco para a manutenção do império e a reversão deste caminho estaria no sufocamento das políticas ocidentalizadoras e da aproximação idealizada de um passado indígena russo Pré reinado de Pedro O Grande. Dentre as medidas russificadoras citadas por Tolz foram: a conversão à ortodoxia; a criação do Museu de História Russa em Moscou; a inclusão de símbolos tradicionais russos nos uniformes militares; a adoção da arquitetura russa do século XVII na construção de catedrais e prédios públicos. Já Anderson complementa com: a definição do russo como língua oficial e obrigatória no ensino público, e atos de repressão contra as instituições que se recusassem a se adequar (a exemplo, é mencionado o fechamento da Universidade de Dorpat por optar manter o alemão como idioma). Expressando assim uma maciça rejeição das influências ocidentais dentro do Império e uma crescente afirmação da cultura russa nas políticas governamentais.

Anderson conclui que por mais que o nacionalismo e a dinastia fossem conceitos opostos, essa desarmonia não teria evitado que os objetivos dessa união forjada fossem atingidos, e que “seria um grande equívoco pensar que a russificação, por ser uma política dinástica, não teria atingido uma das suas principais finalidades — dispor um crescente nacionalismo “grão-russo” na retaguarda do trono”³². Já Vera Tolz possui uma visão mais crítica em relação às políticas de Russificação e acredita que os estudiosos sobre o

³⁰ TOLZ, *op. cit.*, p. 78

³¹ TOLZ, *op. cit.*, p. 100

³² *Ibid* p., 133

nacionalismo apresentem uma tendência a superestimar seus efeitos no que diz respeito à construção da nação, a ponto de referir-se a ela como um mito sem embasamento, no excerto abaixo constam algumas das inconsistências destacadas por ela:

the creation of homogeneity and uniformity within the empire's borders always remained only an ideal. Policies of Russification and conversion to Orthodoxy were never pursued consistently. [...] The tsars, who claimed that their legitimacy had divine roots, had never understood the forces of nationalism. Their goal was to maintain the integrity and stability of the empire rather than to turn it into a Russian nation-state. Therefore Russification and conversion to Orthodoxy were used pragmatically. They were applied when they could facilitate integration but halted when they seemed to threaten internal stability.³³

No entanto, apesar das discordâncias entre os autores, um ponto de intersecção é possível de ser extraído: o nascimento da instrumentalização política do nacionalismo. Por mais que a argumentação de Tolz caminhe na direção de refutar a conclusão de Anderson, ela não nega que houvesse uma articulação envolvida em utilizar os sentimentos nacionais em benefício dos interesses dinásticos, apenas alega que a sua contenção tenha sido uma escolha por parte dos czares em uma avaliação pragmática do quadro geral. Assim, o potencial usurpador desses novos nacionalismos oficiais permanecia uma via possível a se evocar, contando com a fabricação de narrativas e artimanhas destinadas a rearticulação das bases emocionais da devoção do povo pela nação quando julgado útil, e esse legado permaneceria uma realidade mesmo após o fim das dinastias no início do século XX.

Para Hobsbawm, a inevitabilidade da eleitorização da política no final do século XIX, a conseqüente inviabilidade de poder-se contar com a lealdade automática dos cidadãos ao se conceder a participação política através do voto (mesmo que apenas masculino), em conjunto com a criação do Estado moderno, exigiriam que a agenda política abordada pelo Estado e pelas classes dominantes passasse a atender-se cada vez mais aos sentimentos dos cidadãos sobre o que estes consideravam como elementos formadores de suas identidades, e como refletiam suas aspirações em relação a nação e sua própria nacionalidade, pois afinal como bem sintetiza “que Estado poderia sentir-se absolutamente seguro na era das revoluções, do liberalismo, do nacionalismo, da democratização e da ascensão dos movimentos operários?”³⁴. Assim, onde quer que fosse uma vez que se transformasse súditos em cidadãos, suas lealdades precisariam ser constantemente conquistadas. A primeira metade do século XX

³³ TOLZ, *op. cit.*, p. 174-175

³⁴ HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 121

apresenta o que Hobsbawm denominou por Apogeu do Nacionalismo pois fora em um cenário de turbulência políticas na presença de duas Guerras Mundiais em território europeu, do aumento da propaganda em relação ao medo da ameaça socialista da Revolução Russa, em conjunto com movimentos separatistas e anticoloniais em busca de independência, que o nacionalismo atingiu o ápice de seu potencial em diferentes frentes. A viabilização da projeção dos sentimentos de pertencimento à nação em rápida e larga escala, para Hobsbawm, daria-se com o auxílio da revolução tecnológica, por meio do aproveitamento do surgimento da comunicação de massa (cinema, rádio e imprensa) — e da decorrente possibilidade de padronização e exploração dos Estados das ideologias populistas para propaganda, mas principalmente da inserção de símbolos nacionais no cotidiano dos cidadãos, integrando a vida privada e local às esferas pública e nacional — e da alfabetização e escolarização em massa³⁵ e difusão da imagem de “nação” sobretudo nas escolas primárias, mesmo que “inventando tradições”. A Invenção de Tradições vai de encontro à ideia do autor de que o nacionalismo não só transforma em nações culturas preexistentes, como também pode inventá-las³⁶. Relacionada à escolarização em massa, a língua nacional escrita, como um dos dispositivos técnicos do processo de modernização do Estado também foi para o autor colaboradora para a emergência do nacionalismo, por viabilizar a identificação e padronização dos habitantes.

Hobsbawm apresenta diversos pontos da razão do nacionalismo e a nação não serem mais elementos tão fundamentais quanto foram no século XX e XIX (quando era um programa político global), mas é exatamente por ter tantos outros disputadores das lealdades dos indivíduos que o Estado necessita constantemente se reafirmar e tentar homogeneizar a identidade nacional para obter algum controle e diminuir as cisões. Como a construção da identidade nacional é por definição incapaz de encontrar um fim definitivo e permanente, cabe às lideranças políticas uma existência no qual o mapeamento dos sentimentos nacionais esteja sempre considerado no cálculo político, e encontrar os meios pelos quais consiga absorvê-la e influenciá-la. o Estado nunca finaliza por completo o que nomeamos por *nation building*, é uma narrativa constante, de um futuro vitalício. A interdependência entre construção da nação e do Estado e a identidade nacional é descrita de maneira impecável no excerto de Petr Panov:

³⁵ *Ibid* p., 19

³⁶ *Ibid* p., 19

Any communities of people, including nations, as well as any identities and worldviews, including nationalisms, are not fixed or ‘completed’ things. Conversely, they are rather ‘processes’, they ‘exist’ so far as they are reproduced in social practices. It refers to the concept of ‘nation-building’ that can be defined as the process of constructing and reproducing a national identity. Nation-building is the aspiration to justify and explain why the population of the state is a whole entity. It means that nation-builders have to provide the people with appropriate notions, reasonable categorizations, cognitive schemes, narratives, myths, and so forth. That is why nation-building is a predominantly discursive process. [...] Nationalist discourse is certainly political activity, since the process of nation-building is inseparable from the process of modern state-building. In this sense, modern statesmen are all nationalists now.³⁷

Assim como Panov entendemos aqui a construção da nação contemporânea como um processo massivamente discursivo. Outros autores corroboram estas interpretações acerca das disputas de narrativas nacionais por meio do aparato do Estado e dos discursos promovidos por este, e sua evidente intenção de transformar o corpo social em uma esfera manipulável, não obstante agregando novos elementos ao debate. Claire Sutherland, por exemplo, em defesa da aplicabilidade da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe na compreensão do nacionalismo alega que o processo de construção da nação e das identidades nacionais seja na realidade uma “construção ideológica”³⁸. E ao longo da argumentação aponta que a ideologia tenha por finalidade dois objetivos: alcançar o patamar de verdade universal e ao mesmo tempo se transformar em senso comum. Dessa forma, as disputas pelas narrativas de poder se desenvolvem de forma que

Power struggles [...] challenges to the received wisdom of a given society are depicted as sources of identity crises, in which notions generally accepted to be 'common sense' are re-evaluated. [...] Political struggle, then, involves asserting one form of Discourse over another by 'the construction of a new "common sense" which changes the identity of the different groups' (Laclau and Mouffe 1985, 183). Building on an understanding of language as a structure of interrelated signifiers (Saussure 1967), Laclau and Mouffe define Discourse as the means used to organise a society into a structure totality, in order to give it stability and meaning.³⁹

Katherine Verdery apresenta uma análise que também converge com a perspectiva da construção nacional através dos aparatos do Estado, em especial, o discurso. Em sua análise,

³⁷ PANOVA, Petr. "Nation-building in post-Soviet Russia: What kind of nationalism is produced by the Kremlin?". In: *Journal of Eurasian Studies*, Volume 1, Issue 2. 2010, p. 87-88

³⁸ SUTHERLAND, Claire. "Nation Building through Discourse Theory". In: *Nations and Nationalism*, ASEN, 2005. p. 186

³⁹ *Ibid* p., 190-191

a nação é interpretada como um símbolo e uma vez sendo compreendida como símbolo a mesma se torna passível de adquirir diversos sentidos. Para ela, a simbolização da nação deriva de duas razões. Primeiramente de sua flexibilidade para absorver esses sentidos. Dessa forma, as projeções que intendem aqueles que a operam são capazes de “mobilizar públicos díspares (internos e internacionais), que pensam compreender uma mesma coisa através dela”⁴⁰. E seu segundo argumento diz respeito aos sentimentos e as emoções que são provocados por essa prática durante o processo de construção da identidade nacional. Assim, partindo desse princípio, a antropóloga determina que o nacionalismo seja a “utilização do símbolo “nação” pelo discurso e a atividade política, bem como o sentimento que leva as pessoas a reagirem ao uso desse símbolo”⁴¹. Em seguida promove uma reflexão na qual propõe uma série de questionamentos acerca de quais elementos são aqueles que permitem que um projeto visando produzir um nacionalismo específico seja eficaz ou não. Para a mesma são importantes que no estudo da nação sejam consideradas as condições sociais, o contexto, as linhas ideológicas, que permitem que um grupo seja o conquistador do símbolo e dos afetos que o circundam, pois uma análise que não pressuponha o nacionalismo e a nação como dados e estáticos em sua análise deve indagar

Quais são as condições sociais que predispõem ao sucesso um grupo e um projeto em vez de outros? [...] Qual é o contexto em que funciona uma ou outra simbolização da nação? Que é que ela vem realizando? Será que está servindo a argumentos que visam a outra coisa, em vez das questões nacionais em si?⁴²

Apesar de no presente trabalho não termos a pretensão de apresentar as respostas para todas essas perguntas, estas são de grande relevância que tenhamos em mente, ao passo que ao decorrer das abordagens aqui descritas, se tornarão evidentes alguns dos traços que tornaram os projetos discutidos nos próximos capítulos mais ou menos apropriados aos panoramas políticos, econômicos e sociais aos quais foram aplicados.

⁴⁰ VERDERY, *op. cit.*, p. 240

⁴¹ *Ibid.*, p. 240

⁴² *Ibid.*, p. 241

O NACIONALISMO RUSSO

Apesar de termos desenhado no capítulo anterior como se deu o desenvolvimento da imaginação da nação e os nacionalismos na Europa a partir do século XVIII não foram todos os seus elementos capazes de serem transportados para a Rússia de imediato. Assim neste capítulo compreenderemos como se deu o imaginar da nação dentro das circunstâncias da sociedade russa. Os pontos centrais para a análise serão o complexo relacionamento entre a Rússia e o Ocidente, os debates intelectuais entre os grupos *Ocidentalizadores* e *Eslavófilos* no século XIX, as políticas de Russificação, o socialismo russo e a experiência soviética a partir da Revolução de 1917. Passados por todos esses pontos, e tendo entendido a formação e as modificações do nacionalismo russo, poderemos, por fim, observar de que modo as forças que articularam o fim da União Soviética acarretaram a pior crise de identidade nacional russa nas últimas duas décadas do século XX através da ausência de um nacionalismo de Estado capaz de se conectar emocionalmente a uma sociedade traumatizada e de curar o orgulho ferido provocado pela perda abrupta do seu sistema de crenças, símbolos e tradições. Nossos fundamentos teóricos e historiográficos para este capítulo serão extraídos da obra *Russia: Inventing The Nation* de Vera Tolz, e dos livros *A Era dos Impérios 1875-1914* e *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)* ambos do autor Eric Hobsbawm.

Importante frisar que os temas abordados neste capítulo não exprimem por completo a totalidade e a profundidade do nacionalismo russo como um todo, uma vez que a nação não é um fenômeno homogêneo e os indivíduos pertencentes a ela são constituídos por uma variedade de identidades adquiridas ao longo de suas histórias pessoais e coletivas. Assim como Hobsbawm e Anderson compreendemos as nações como elementos vivos, mutáveis e multifacetados. Poderíamos adentrar o desenvolvimento do nacionalismo russo associado a comparações ao Oriente, em termos étnico-linguísticos, ou traçando sua origem em Kiev, todos pontos que são extremamente bem trabalhados por Vera Tolz no livro citado, no entanto o que nos cabe aqui é analisar a dimensão de sua interação com o Ocidente enquanto uma constante fundamental no desenvolvimento de seu nacionalismo, que de Pedro O Grande a Vladimir Putin permeou o imaginário intelectual e político russo.

A Rússia e o Outro Ocidental

Nas palavras da especialista russa Vera Tolz o Ocidente simboliza para a identidade russa o ingrediente mais importante em sua formação moderna. Seriam as constantes reflexões, desde o século XVIII, por parte dos intelectuais e uma menor parte pelo Estado, acerca do relacionamento com o Ocidente que permitiriam a Rússia pensar mais concretamente sobre si mesma e eventualmente evoluir esse pensar para termos propriamente nacionais, pois

Russia's relationship with the West, and especially the related question of whether Russia is part of Europe, has had the most profound impact on how the Russians have viewed themselves and the outside world, how they have interpreted their own history and how they have defined possible paths for their country's development over the past three hundred years. Ever since Peter the Great's reforms, the West has served as the main constituent other for Russians. [...] to this day the Russians have not found a solution to the tortuous contradiction in their attitude towards the West⁴³

De acordo com Tolz, as origens dos debates comparativos entre Rússia e Ocidente, e sua conseqüente evolução para a afirmação do Ocidente como o Outro constituinte, datam do reinado de Pedro I da Rússia (ou Pedro O Grande) — czar russo de 1682 a 1725. Como afirma a autora, não se podia dizer que a Rússia fosse como um todo apartada de contato e influências exteriores neste período, no entanto fora o reinado de Pedro e suas reformas que permitiram uma entrada mais expressiva de elementos externos, em particular da Europa Ocidental, para dentro do império. A Rússia neste momento não era uma nação e nem ao menos possuía os elementos necessários para que pudesse ser imaginada nos termos descritos por Anderson e Hobsbawm. O reinado de Pedro se iniciara em uma Rússia de monarquia autocrática, fundamentada na servidão do campo e de identidade pautada na religião ortodoxa cristã. De acordo com Tolz, o objetivo de Pedro era que a Rússia se tornasse um Estado europeu legítimo, e em uma Europa já com influências fortes do Iluminismo certas mudanças careciam de serem feitas nas instituições fundamentais russas para que a aceitação se tornasse tangível. Tolz nos traz como exemplo algumas das medidas que visavam aproximar a Rússia das nações ocidentais, dentre elas a de principal destaque foi no campo da comunicação através da secularização da imprensa, acompanhada da abertura de jornais russos, assim como o aumento das publicações literárias. A secularização estaria presente também na

⁴³ TOLZ, *op. cit.*, p. 70

abertura de novas escolas. Mas a mudança essencial que auxiliaria o pensar da identidade nacional moderna posteriormente fora a separação entre czar e Estado, havia uma constante alegação por parte do czar do seu papel como um funcionário do Estado, o estabelecimento de uma hierarquia entre czar e Estado no qual o Estado seria superior. De acordo com Tolz esse movimento já era verificado em outros Estados europeus, e “a ideia de prestar serviço ao Estado e ao bem comum era uma forma de providenciar uma nova identidade secular para seus súditos”⁴⁴. Pedro teve também atitudes que visavam ocidentalização específica da elite russa através do envio de membros de sua nobreza para estudo no exterior, o estabelecimento da obrigatoriedade do uso de vestimentas ocidentais para a nobreza dentro da Rússia e a criação da capital russa de seu tempo — a cidade São Petersburgo, com a estética arquitetônica completamente inspirada pelas cidades europeias ocidentais. Assim, Pedro não apenas visava reformas estruturais e institucionais, mas influenciava também as tradições e os costumes rotineiros daqueles subordinados a si de modo a trazer o Ocidente para a vida cotidiana da elite russa. No entanto, Tolz defende que mesmo que Pedro tivesse estabelecido reformas que futuramente pavimentariam o caminho para o pensar russo em termos nacionais, durante seu governo a construção da nação fora afetada, não apenas pelo fato de não existir uma pretensão de fato em construir uma Rússia nacional em si, mas também por fatores como a repressão violenta aos religiosos, em especial o grupo denominado Old Believers, o fortalecimento das estruturas de servidão e a concentração de poder na figura do monarca. Ao mesmo tempo que Pedro promovia a ideia do czar como um funcionário do Estado, na realidade exibia comportamentos de um monarca absolutista que sufocava as expressões populares, se denominando em 1721 Pedro o Imperador de Todas as Rússias. As inconsistências de Pedro O Grande passariam a ter repercussões nos debates intelectuais durante o reinado de Catarina A Grande (1762 - 1796). Catarina, assim como Pedro, possuía uma simpatia pelos avanços europeus, e alegava que Pedro, ao se aproximar do Ocidente, estava apenas auxiliando a Rússia a trilhar um caminho que era de seu desenvolvimento natural, como nos explica Tolz. Em relação às políticas, Catarina seguiu por vias complementares que Pedro havia iniciado. Em termos intelectuais e educacionais, Tolz menciona que Catarina foi responsável por permitir que editoras privadas fossem inauguradas e tivessem assim maior liberdade editorial, por expandir os estudos sobre a língua e a história russas, e mais importante, criou em 1783 a Academia Imperial da Rússia. Em termos

⁴⁴ *Ibid.*, p. 42

políticos, Catarina era ainda mais semelhante a Pedro, uma vez que defendia a autocracia como única forma de governo viável para a Rússia e expandira tanto o império quanto a servidão para territórios que não a possuíam (a exemplo a Ucrânia). Em termos gerais, tanto o posicionamento cultural-educacional quanto o político seriam custosos para Catarina.

Tolz expõe três pontos relevantes acerca do período de Catarina. Primeiramente, os direitos concedidos à imprensa e aos intelectuais foram devidamente aproveitados por aqueles interessados em pensar a Rússia e seu futuro, desse modo críticos da autocracia, da servidão e da própria Imperatriz Catarina foram capazes de ganhar espaço simbolizando esses elementos como agentes do atraso do desenvolvimento russo e puderam também pensar de uma identidade separada deles. Essas críticas se tornavam ainda mais evidentes quando comparadas aos países ocidentais que já haviam abolido a servidão e passado a limitar os poderes dos monarcas. Por mais que Catarina tenha notado seu erro e tentado silenciá-los através da repressão e da censura, Tolz defende que a maior contribuição de Catarina era irreversível, o nascer do debate intelectual já tinha se enraizado. O segundo ponto levantado por Tolz é em relação a teoria de Anderson sobre as comunidades imaginadas e a possibilidade de se passar a imaginar a nação (ainda inexistente) na Rússia, pois de acordo com a autora, Catarina ao expandir tanto a educação quanto a imprensa concedia ao país duas das ferramentas essenciais para a viabilização do pensamento nacional. Por fim, Tolz salienta a complexidade dos sentimentos resultantes dessa proximidade e comparação com o Ocidente. Enquanto alguns intelectuais ressaltavam os avanços feitos na Europa Ocidental e como isso representava o atraso russo, domesticamente a elite que havia sido ocidentalizada passava a se sentir deslocada e se tornava alvo dos comediantes a partir de 1770, uma vez que eram vistos como negligenciando a cultura russa para parecerem mais franceses que russos. De acordo com Tolz, esse repensar das influências ocidentais teria sido um dos primeiros momentos em que a visão romantizada do Ocidente entrava em questionamento. É desse modo portanto com tentativas desleixadas e pouco elaboradas de ocidentalizar a Rússia por parte dos czares que os debates acerca de quem são os russos e novas ideias sobre o caráter e a identidade nacional passam a adentrar a história russa e as elaborações dos intelectuais.

As primeiras manifestações de sentimentos nacionalistas de fato se apresentaram na Rússia durante o reinado de Alexandre I (1801 - 1825). Como é descrito por Tolz é o contexto das Guerras Napoleônicas que fornecem aos oficiais do exército russo o contato com o mundo externo europeu de uma forma mais realista, uma vez que o exército marchou

na Alemanha em 1813 e na França em 1814. Esse contato com duas das principais nações européias da época forneceram a esses oficiais novas formas de pensar e sentir em relação à Europa Ocidental e os alimentaram de novas ambições. Como aponta Tolz a Rússia de Alexandre I apresentava tendências mais liberais com o decorrer do seu governo (em comparação aos governos dos czares anteriores), existiam conversas sobre a possibilidade da execução de reformas constitucionais, e ações políticas como a emancipação dos servos da região báltica entre 1816 e 1819, assim como a concessão de uma constituição a Polônia em 1815, ofereciam a certos grupos de intelectuais e oficiais uma espécie de entusiasmo quanto ao desenvolvimento futuro das instituições políticas russas em termos mais próximos ao do Ocidente. Assim, com uma atmosfera que aparentemente próspera a sociedade civil se tornava mais robusta. No entanto uma série de fatores tanto internacionais quanto domésticos interceptariam esse progresso e dariam origem a primeira manifestação nacional russa:

[...] the uprisings in Italy and Spain, and soldiers' mutinies in Russia itself put an end to the Russian government's liberal tendencies. It categorically refused to grant civil society any active role. In 1816 some Russian officers, feeling that they had returned from constitutionalist Europe to a Russia of absolutism and serfdom, set up an organization aimed at changing Russia's political institutions. Their goal was to put Russia on a par with the advanced countries of Western Europe. Up until 1820, the Union for the Salvation of Loyal and True Sons of the Fatherland existed almost openly and united up to 200 Petersburg officers. The officers attempted to force the new tsar, who was to take the oath on 14 December 1825, to accept their programme. Following the failure of this attempt, one hundred and twenty officers were tried, five of them were executed and others exiled to Siberia. This bitter experience at the very beginning of his reign probably contributed to tsar Nicholas I's concern to try to eradicate any influences of Western constitutionalism and liberalism upon Russia.⁴⁵

Para Tolz, a repressão a Revolta Dezembrista de 1825 pelo czar Nicolau I acarretou em dois movimentos marcantes para o desenvolvimento do pensamento nacional na Rússia, sendo o primeiro a política de Russificação, a partir do envolvimento dos oficiais governamentais no pensar da identidade russa associado a dinastia (como discutido anteriormente), e o segundo a origem do debate intelectual entre as escolas de pensamento dos *Ocidentalizadores* e dos *Eslavófilos* que seriam determinantes para a formação do nacionalismo russo do século XIX em diante.

O protagonista da origem do debate fora o dezembrista e intelectual Chaadaev, que em reação aos desfechos da Revolta Dezembrista, publicara em 1836 uma série de cartas nas

⁴⁵ *Ibid.*, p. 77

quais descrevia a Rússia como isolada do mundo e desprovida de qualquer contribuição para o progresso humano. A partir de uma visão classificada por Tolz como Eurocentrista, Chaadaev atribuiu exclusivamente ao Ocidente um passado histórico de valor para o futuro da humanidade, e relegou a Rússia e o Oriente Mundial a uma posição de atraso e inferioridade. Como explica Tolz essa fora a primeira vez que um intelectual havia defendido explicitamente a existência de uma Rússia completamente apartada da Europa, e negado completamente a presença de similaridades e tradições em comum tanto com o Ocidente quanto com Oriente. Em mais um ato de repressão czarista o destino Chaadaev terminou sendo um diagnóstico de insanidade e uma carta de perdão em 1941, no entanto o efeito de suas palavras já haviam surtido efeito nos círculos intelectuais.

Como é frisado por Tolz previamente ao período revolucionário o papel de pensar não apenas a Rússia, mas quem eram os russos enquanto povo, era majoritariamente performedo pelos intelectuais (desde os historiadores acadêmicos até os músicos e os poetas). Enquanto as dinastias absorviam práticas nacionalistas aprendidas pelo contato com a Revolução Francesa e desenvolviam um nacionalismo oficial do alto em sua estratégia de legitimação nacional, eram os intelectuais que desenvolviam o nacionalismo de baixo que futuramente viria a ser utilizado pelos soviéticos na formação da identidade nacional.

Os Eslavófilos surgiram, em resposta às provocações de Chaadaev, com o intuito de provar que a Rússia era detentora de uma tradição indígena, e pretendiam atingir este objetivo mesmo que fosse necessário inventá-la⁴⁶. Inspirados pelo nacionalismo do Romantismo alemão, como explica Tolz, a busca pela nação era realizada em termos culturais e linguísticos. Três foram seus principais componentes: a rejeição do Ocidente e suas instituições, uma nova forma de pensar a “nação”, e a invenção do campesinato como símbolo do caráter nacional russo. A vertente se respaldou, para Tolz, inicialmente em uma idealização da antiga Rússia do período anterior ao reinado do czar Pedro O Grande (1682-1721), pois fora com Pedro que se iniciara o processo de assimilação de instituições e ideias europeias na Rússia. O eslavofilismo se desenvolvia em oposição direta ao Ocidente e buscava em um passado russo os argumentos que embasassem suas teorias:

It was essentially a comparison with the West and an answer to Chaadaev's criticism. They identified what they thought were peculiar features of the Western world, as hailed by Chaadaev, and then looked for the traditions in Russia which

⁴⁶ *Ibid.*, p. 82

they thought were different and which they proclaimed to be superior. (...) Chaadaev had identified Orthodox Christianity as the main source of Russian misfortunes, the Slavophiles saw in it the main source of Russia's strength.⁴⁷

Mas foi no encantamento pelo campesinato o qual passara a ser visto como símbolo do espírito nacional russo que o Eslavofilismo prosperou.

Under the influence of the ideas of German Romantics about the true *Volk*, close to the land and therefore a bearer of indigenous traditions, **the Slavophiles began to view the Russian peasantry as the preserver of Russian 'national spirit' and uniqueness.**⁴⁸

Tolz nos explica que similarmente ao nacionalismo do Romantismo alemão, que alicerçava seus fundamentos na valorização dos povos próximos a terra (que seriam assim os detentores das tradições indígenas), os eslavófilos encontraram no campesinato russo o símbolo das tradições russas que antes foram acusados por Chaadaev de não possuir. No entanto, a exaltação de um estrato da sociedade por parte dos germânicos não ocasionava na exclusão de qualquer outro no que eles compreendiam como o povo. Já para os eslavófilos, enquanto os jornais utilizavam o termo *narod* em seu sentido original que abrangia todos os estratos da sociedade russa, estes adotavam o termo de modo excludente, considerando apenas os camponeses como puros, ou seja, livres da corrupção da cultura ocidentalizada, e portanto merecedores do título. As elites russas, portanto, não poderiam ser parte do *narod*. Dessa forma, a concepção do campesinato como os únicos formadores do povo russo pelos eslavófilos conseguiram ir na contramão dos desenvolvimentos nacionais europeus ocidentais do período, pois de acordo com Tolz, enquanto para os franceses se fazia necessário transformar o camponês em francês, na Rússia essa era a única condição possível para ser um russo. A alteração na forma de conceber as divisões sociais por parte da linha de pensamento dos intelectuais eslavófilos teria grandes repercussões no século seguinte:

This view of the peasantry as the main symbol of a Russian nation with qualities distinctively different from Western values, and the resulting exclusion of the 'Westernized' upper classes from membership of the Russian nation had a tremendous impact on Russian public opinion. It was quickly appropriated by some of those Westernizers, who, like the writer and thinker Aleksandr Herzen, turned to socialism.⁴⁹

⁴⁷ *Ibid.*, p. 83

⁴⁸ *Ibid.*, p. 85

⁴⁹ *Ibid.*, p. 85

Os apelos da imagem idealizada do campesinato não se reservaram exclusivamente a elaborações teóricas, mas se espalharam rapidamente para o campo das artes, dentre as quais Tolz nos traz como exemplos as obras literárias de Dostoevskii e Tolstoi, assim como uma série de pinturas e músicas que exaltavam essa nova figura nacional, auxiliando assim na propagação da nova imaginação do mito do campesinato entre a população russa.

O outro lado do debate era composto pelo grupo chamado de Ocidentalizadores. Como explica Tolz o que motivara os Ocidentalizadores a produzirem novas teorias haviam sido também as cartas de Chaadaev e suas provocações acerca da Rússia e do Ocidente. Enquanto os Eslavófilos buscavam em um passado russo os meios de imaginar uma história indígena que fosse contrastante com o Ocidente e provasse de alguma forma a superioridade das instituições russas, os Ocidentalizadores inicialmente olhavam para o Ocidente em busca de semelhanças e inovações que pudessem ser transplantadas para a Rússia. Porém, de acordo com Tolz, em meados de 1840 já existia uma crescente insatisfação entre o grupo de Ocidentalizadores, uma vez que suas expectativas acerca dos ideais ocidentais na Europa — liberdade, igualdade e fraternidade, se mostravam mais frequentemente cooptados pela burguesia. Seriam, portanto, as próprias falhas das instituições políticas ocidentais que motivariam os intelectuais russos que os olhavam como inspiração a pensarem em uma nova forma de desenvolver a Rússia — não separada do Ocidente, mas protegida de seguir seus erros. Tolz em seu subcapítulo “O Socialismo como a Ideologia Nacionalista Russa” elabora de que forma a frustração dos Ocidentalizadores se transformaria no desenvolvimento da **Teoria do Socialismo Russo** pelo filósofo Aleksander Herzen, e como esta nova ideologia atuaria dentro da Rússia não apenas como a principal construção ideológica da Rússia imaginada⁵⁰, mas também como uma ideologia de modernização — realizando assim o mesmo papel que o Nacionalismo apresentava na Europa Ocidental⁵¹. A teoria de Herzen partia do princípio que, uma vez que na Europa os ideais europeus haviam sido distorcidos e essa distorção se devia às perversões do capitalismo, não havia mais esperança nos países que já haviam iniciado seus regimes capitalistas. A Rússia, que ainda seguia absolutista e agrária, não havia sido contaminada. Assim, como explica Tolz, com a idealização do campesinato e a ideia de uma Rússia superior (emprestadas dos Eslavófilos), começava a se enxergar o

⁵⁰ *Ibid.*, p. 94

⁵¹ *Ibid.*, p. 96

caminho para o estabelecimento do socialismo na Rússia, pois para Herzen, seria através dele o único meio de se encontrar a “verdadeira” Europa⁵². Para Tolz, a teoria de Herzen teria tamanho apelo tanto para os intelectuais quanto para a população, muito mais do que outras idealizações e teorias russas de outros momentos, porque não apenas mesclava ideias Eslavófilas e Ocidentalizadoras, como o fazia de um forma que “lembrava a imagem russa que possuía a maioria da população russa, os camponeses”⁵³. A autora detalha a teoria do Socialismo Russo em 4 pontos principais: em primeiro lugar, Herzen oferecia uma resignificação para a ideia de que a Rússia seria atrasada por conta das suas instituições, assim esse atraso deixaria de carregar uma conotação negativa para simbolizar uma vantagem e uma possibilidade, pois seria o fato de a Rússia não ter migrado de uma sociedade absolutista para um regime capitalista deteriorado que tornaria possível implementar o socialismo. Como um segundo ponto, assim como os Eslavófilos, Herzen passaria a defender a cultura indígena e tradicional russa, e seria essa história própria que a tornaria superior ao Ocidente. Em terceiro, também similar aos Eslavófilos, existia para os Ocidentalizadores a aspiração de não apenas imaginar a comunidade russa como uma simples nação, mas uma nação detentora de uma missão especial no mundo⁵⁴, desse modo, seu terceiro pilar se baseava na ideia de missão e de futuro russos que permitiriam a Rússia ultrapassar o Ocidente a partir de seus próprios ideais. Por fim, associada a ideia de missão estava a ideia da Rússia enquanto exemplo para o resto do mundo, pois seu desenvolvimento seria uma lição para o Ocidente, mas também um modelo para os países do Oriente que possuíam as mesmas características da Rússia até o século XIX. Essa construção da Rússia e do povo russo em uma luz mais positiva do que já se havia elaborado em qualquer momento antes teria papel significativo em sua história nacional:

'Russian socialism' was the first nationalist ideology which could be therapeutic when dealing with the questions posed by Chaadaev, and which could help Russia define a comfortable place and role in the world for itself. This can account for its success among Russian intellectuals. But 'Russian socialism' was more than just an intellectual current. It turned out to have the most profound impact on Russia's twentieth century history.⁵⁵

⁵² *Ibid.*, p. 94

⁵³ *Ibid.*, p. 99

⁵⁴ *Ibid.*, p. 93

⁵⁵ *Ibid.*, p. 99

As teorias de Herzen inspiraria a criação do grupo dos Populistas na Rússia — intelectuais organizados que possuíam como objetivo alcançar o socialismo alicerçados nos vilarejos do campo⁵⁶, e seriam os debates destes socialistas, combinados aos seus conhecimentos de teorias econômicas, que pensariam na modernização russa como meio de se atingir o socialismo sem antes ser necessário adotar um regime capitalista. O assassinato do czar Alexandre II em 1881 dificultaram as expectativas dos socialistas desse campo, pois ao invés de obterem uma ditadura revolucionária socialista⁵⁷, o absolutismo não apenas prevaleceu, como entendeu a necessidade russa de se industrializar, assim a aproximação do capitalismo se tornava um risco mais iminente. É nesse contexto que surgem dentro dos círculos intelectuais marxistas os dois principais protagonistas do início do século XX: os Mencheviques, que acreditavam ser possível alcançar uma sociedade socialista seguindo o caminho tradicional de tornar a Rússia capitalista de acordo com o modelo do Ocidente inicialmente, e os Bolcheviques, que salientavam a urgência da revolução e da industrialização em moldes socialistas evitando o caminho capitalista europeu. Nesse debate algumas décadas depois os Bolcheviques sairiam vitoriosos.

Como explicamos no capítulo anterior, expondo as convergências e divergências entre Benedict Anderson e Vera Tolz sobre as políticas de Russificação, os czares foram capazes, alguns em menor outros em maior escala, de absorverem os instrumentos e sentimentos nacionais no intuito de se protegerem da onda nacionalista que avançava no restante da Europa. No entanto, o panorama do final do século XIX e início do século XX encerrariam a experiência absolutista. De acordo com Tolz no reinado de Nicolau II as pressões dos grupos liberais se faziam mais presentes e mais inevitáveis, principalmente após a Revolução Russa de 1905 em decorrência da guerra contra o Japão e das greves dos trabalhadores. Como resultado da revolução, mesmo contra sua vontade Nicolau assinou o Manifesto de Outubro que concedia liberdades civis, autorizava a criação da DUMA (primeiro parlamento russo) e conseqüentemente remoção do termo “ilimitado” da definição dos poderes dos czares. Por mais que Nicolau estivesse consentindo com medidas mais ocidentais, Tolz destaca que todas elas vinham carregadas de alegações que visavam destacar as diferenças entre a Rússia e o Ocidente, e argumentações de que certas medidas seriam trair os antepassados russos e que não necessariamente refletiam as ambições dos russos, uma vez que acreditava fielmente na

⁵⁶ *Ibid.*, p. 95

⁵⁷ *Ibid.*, p. 97

devoção do campesinato pelo czar. Para Tolz, ainda ao final do século XIX a Rússia não podia ser considerada uma nação e a ideia de nação entre a maioria dos indivíduos que a compunha era inexistente. Com uma visão extremamente simplista por parte dos czares acerca da lealdade da sociedade, somada a políticas de Russificação inconsistentes, os czares teriam solapado todas as oportunidades de uma construção de nação efetiva durante os dois séculos nos quais a nação já era um fenômeno em desenvolvimento no restante da Europa, e portanto, dentro da sociedade russa “não havia um sentimento compartilhado de pertencimento a uma comunidade comum”⁵⁸. A fragilidade dos laços sociais, para Tolz, somada a pressão da rápida industrialização que a Rússia vinha percorrendo e combinada a entrada do império na Primeira Guerra Mundial⁵⁹ tornara assim a situação russa insustentável e abria espaço para que os czares fossem enfim derrubados. Conforme descreve Hobsbawm:

O que é claro é que a derrota da revolução de 1905 nem gerara uma alternativa "burguesa" potencial ao czarismo nem lhe dera mais do que meia dúzia de anos de trégua. Em 1912-1914, o país estava uma vez mais em ebulição, devido à inquietação social. Lenin estava convencido de que uma vez mais uma situação revolucionária se aproximava. No verão de 1914, os únicos obstáculos que se lhe opunham eram a força e a firme lealdade da burocracia do czar, da polícia e das forças armadas que — ao contrário de 1904-1905 — não estavam nem desmoralizadas nem engajadas no campo oposto; [...] Como em tantos outros Estados europeus, a deflagração da guerra deu vazão ao ardor social e político. Quando este arrefeceu, foi ficando cada vez mais evidente que o czarismo estava acabado. Caiu em 1917.⁶⁰

A Experiência Soviética e o Ocidente

A Revolução Russa e a experiência soviética como um todo no século XX são dois fenômenos extremamente complexos, assim para discorrermos aqui sobre sua totalidade precisaríamos de muito mais que um mero trabalho. Desse modo, deixaremos de lado alguns pontos mais historiográficos para focarmos exclusivamente na relação entre a Rússia e o Ocidente e a evolução do sentimento nacional perante essa relação, destacando especialmente o papel do Estado com as perspectivas de Lenin e Stalin.

Enquanto na Itália de 1860 já se discutia o “fazer” os italianos e na França desde 1789 já se preocupava com a questão ao redor do transformar o camponês em francês, na sociedade

⁵⁸ *Ibid.*, p. 103

⁵⁹ *Ibid.*, p. 105

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric J. A era dos impérios (1875 - 1914). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 261

rusa o nacionalismo a partir do alto no pensar da formação identitária Rússia enquanto nação só viria de fato durante a experiência soviética a partir de 1917. Como vimos o nacionalismo oficial era puramente oficial durante as dinastias, e por mais que este emprestasse para si os elementos que se verificavam no desenvolvimento orgânico das nações nos países europeus, o seu objetivo final não era construir a nação, apenas defender o poder absolutista de avanços nacionalistas.

The tsars also did not regard it as a top priority to forge a compound national identity for the subjects of their empire. The Bolshevik government, in contrast, put the aim of forging such an identity at the top of their agenda, probably recognizing that the failure of the tsars to do so had facilitated the collapse of the monarchy and the state. Thus, the Soviet government launched an unprecedented propaganda campaign to shape the way in which Russian/Soviet citizens saw themselves and the world. In this campaign, the West remained Russia's main constituent other.

Tolz nos detalha no subcapítulo “A Revolução Bolchevique e a percepção do Ocidente” o quão contraditório era o posicionamento inicial do novo governo em relação ao Ocidente e como, com o partido Bolchevique e Lenin, o relacionamento com o Ocidente tomaria uma dimensão mais drástica do que já havia se verificado. De acordo com a autora durante os primeiros anos do governo pós Revolução ainda se existia uma expectativa de ocidentalizar a Rússia, e ela partia especialmente do fato de Lenin acreditar que a Revolução Russa seria a precursora de uma Revolução Europeia, na qual eventualmente os proletários europeus se juntariam aos proletários russos na luta de classes e implementação do socialismo⁶¹. No entanto, com o avançar do ano de 1917 suas percepções passaram a mudar conforme o isolacionismo russo aumentava e isso refletiria tanto nos seus discursos quanto na propaganda política governamental e nas políticas nacionais e culturais.

By April 1917, Lenin started to believe, as the nineteenth century Russian socialists had done, that Russia would take the lead in the destruction of capitalism. He made his position clear in the April Theses. At the time, many members of Lenin's own party regarded his position as Utopian, but others, including Stalin, shared it. In August 1917, Stalin observed: 'One cannot exclude that Russia will be the country, which will pave the way to socialism... We should put aside the outdated view that Europe will show us our way'.⁶²

⁶¹ *Ibid.*, p. 106

⁶² *Ibid.*, p. 107

Ideologicamente então a postura de Lenin se tornaria mais resistente ao Ocidente e compreendendo a Rússia como detentora de sua própria missão. Tolz explica que enquanto Lenin analisava as estruturas domésticas como perpetuadas pela luta de classes, ao analisar o cenário intencional sua conclusão era de um sistema no qual as nações atrasadas ou em desenvolvimento estariam em uma situação vulnerável de exploração pelas nações desenvolvidas, e caso a Rússia tentasse seguir um caminho aproximado do Ocidente ao instaurar suas instituições o risco seria de se tornar explorada também. De acordo com a autora seria esse o viés que completaria a “conexão entre o marxismo e o nacionalismo”⁶³. Com a evolução do pensamento de Lenin algumas concepções marxistas sobre como deveriam ser os passos em direção ao socialismo passavam a apresentar outras nuances na aplicação à realidade russa, a exemplo a participação do campesinato revolução. Enquanto se depositava uma grande expectativa em cima do proletariado, Lenin começava a compreender, assim como os pensadores do século XIX, a importância do campesinato para a Revolução Russa, e assim, a partir de 1918 o símbolo da revolução (heráldica) seria a foice e o martelo, simbolizando a união da classe trabalhadora e do campesinato.⁶⁴ A conclusão final de Lenin em relação ao Ocidente seria responsável por ditar o tom dos governos subsequentes e esta estava calcada na diferenciação extrema entre a Rússia e o restante dos países ocidentais.

he put forward an idea which would dominate the Soviet government's vision [...] that the world was divided into two irreconcilable camps - socialist Russia and the capitalist West. The latter included both Western Europe and the United States. **The division between the two camps and their hostility to each other were much sharper than most of the pre-revolutionary thinkers had ever imagined.**⁶⁵

Cultural e simbolicamente, a partir de seu afastamento ideológico das ideias ocidentais, o governo soviético com Lenin destinaria de fato uma energia vital para a construção do imaginário de pertencimento a nação russa através de elementos escritos e visuais, destacando sua herança tradicional e também sua diferença em relação ao Ocidente; tal prática se intensificaria após a morte de Lenin com a liderança de Stalin e durante e após a Segunda Guerra Mundial, mas Tolz frisa que foi Lenin quem estabeleceu as bases para o pensamento nacional posterior. Para os soviéticos do primeiro governo “partes da herança

⁶³ *Ibid.*, p. 106

⁶⁴ *Ibid.*, p. 107

⁶⁵ *Ibid.*, p. 108. Grifo meu.

pré-revolucionária deveriam ser apropriadas ao novo regime⁶⁶ como política nacional. Tolz nos cita como exemplos dessas políticas as publicações em larga escala de autores como Tolstoi e Pushkin e uso de seus escritos em campanhas de alfabetização⁶⁷; a transformação de objetos de porcelana em ferramentas de propaganda através da gravação de mensagens políticas; a utilização da imagem de São Jorge como patrono de Moscou e sua assimilação pelo folclore sob a ideia de “criador da Terra russa”⁶⁸; a mudança da capital russa de São Petersburgo (criada por Pedro O Grande com influências ocidentais) para Moscou que na cultura russa era o “Coração da Rússia”⁶⁹. Para Tolz todas essas medidas representavam um esforço por parte dos bolcheviques em mesclar as tendências ocidentais culturais com as tradições russas pré Pedro I e assim exaltar a ideia da existência de uma cultura tradicional russa. Os anos 1920 marcariam uma etapa de continuidade e fortalecimento desse processo nacional. Com Stalin, a máquina de comunicação seria utilizada mais ativamente na campanha contra o Ocidente e na formação de uma identidade soviética. Também seria o momento das lideranças políticas assimilarem a urgência do processo de industrialização. Como explica Hobsbawm:

O fato central da União Soviética era o de que seus novos governantes, o Partido Bolchevique, jamais haviam esperado sobreviver em isolamento, quanto mais tornar-se o núcleo de uma economia auto-suficiente (“socialismo num só país”). Nenhuma das condições que Marx ou qualquer um de seus seguidores tinham até então considerado essenciais para o estabelecimento de uma economia socialista estava presente nessa enorme massa de território que era praticamente um sinônimo de atraso econômico e social na Europa. [...] Na visão de Lenin, Moscou seria apenas o quartel-general temporário do socialismo, até que a ideologia pudesse mudar-se para sua capital permanente em Berlim. [...] Quando ficou claro que a Rússia ia ser por algum tempo, que certamente não seria curto, o único país onde a revolução proletária triunfaria, a política lógica, na verdade a única convincente para os bolcheviques, era transformar sua economia e sua sociedade atrasadas em avançadas o mais breve possível. A maneira mais óbvia de fazer isso que se conhecia era combinar uma ofensiva total contra o atraso cultural das massas notoriamente “escuras”, ignorantes, analfabetas e supersticiosas com uma corrida total para a modernização tecnológica e a Revolução Industrial. O comunismo de base soviética, portanto, passou a ser um programa voltado para a transformação dos países atrasados em avançados.⁷⁰

⁶⁶ *Idem*

⁶⁷ *Idem*

⁶⁸ De acordo com Tolz a imagem de São Jorge era um elemento associado à ideia do nascimento do povo russo em Kiev. São Jorge é considerado o patrono de Kiev e possui grande importância na cultura eslava religiosa.

⁶⁹ Importante mencionar a observação feita por Tolz de que a mudança teria sido feita a princípio por razões de segurança, no entanto acompanhava também esse caráter simbólico.

⁷⁰ HOBBSAWM, Eric J. A era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 292

Durante essa década, três foram os eventos marcantes para a propaganda governamental nacionalista: o momento de debate da industrialização; os conflitos com a Inglaterra; e a crise econômica de 1929 nos Estados Unidos, conhecida como a Grande Depressão. Tolz nos explica que durante o período de industrialização existia um crescente interesse por parte do campesinato em consumir mais informações do mundo exterior e uma demanda para que os jornais chegassem ao interior do país, assim, tendo essa abertura da sociedade o governo soviético aproveitara para tentar uma nova estratégia: a formação identitária a partir da “identificação” com as dores dos proletários na Europa ocidental. Desse modo, os jornais seguiam com suas publicações originais sobre o perigo que apresentava o Ocidente para a União Soviética, mas agora combinadas constantemente com notícias sobre o desemprego, os motins, as manifestações anti-governamentais, as greves e as repressões em solo europeu e estadunidense. Essa tentativa seria eficiente pois passava a adentrar na sociedade soviética, em particular a russa, a ideia de um Ocidente violento e perigoso, como já debatiam os intelectuais desde o século XIX quando contrastavam uma ideia de Rússia calma com a de um Ocidente deturpado e hostil. Esses sentimentos poderiam ser verificados, conforme descreve Tolz, nas cartas:

letters to the press and to political leaders by ordinary Russians indicate that most often 'the capitalist West' was perceived as an aggressive force, ready to launch a military attack on Russia at the first opportunity.⁷¹

Essa etapa da propaganda governamental duraria até meados de 1927 quando Tolz explica que o cessar das relações diplomáticas entre União Soviética e Inglaterra por parte da Inglaterra colocariam uma nova prioridade diante das lideranças soviéticas — o de enfatizar o risco iminente de um ataque ocidental à União Soviética. De acordo com Tolz os jornais teriam espalhado a mensagem do risco da guerra através de constantes menções às condições de vida nas colônias britânicas e destacando a urgência do desenvolvimento de um sistema de defesa militar para garantir que o mesmo não fosse feito a eles⁷²

After 1927 the involvement of Britain, the USA, France and Germany in the Russian Civil War on the side of the Bolsheviks' opponents became a central theme in the anti-Western campaign. This was to reinforce people's fear that another capitalist intervention in Russia was likely. In creating the image of the two

⁷¹ TOLZ, *op. cit.*, p. 113

⁷² *Ibid.*, p. 113

irreconcilable camps, Soviet propaganda sharpened the focus on the 'peaceful nature' of the Soviet Union and the 'militaristic aspirations' of the West⁷³.

A última etapa propagandista dessa década seria orientada a superioridade russa durante a crise econômica de 1929 nos Estados Unidos. De acordo com Tolz seria esse o pontapé da entrada dos Estados Unidos como a imagem do Outro para a realidade soviética no mesmo nível que a Inglaterra ocupava até então, pois pela combinação de uma Rússia em processo de industrialização e um Ocidente em crise, a confiança russa aumentara a ponto de em 1938 adotarem a meta de superar a produção per capita estadunidense⁷⁴.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), denominada em território russo como Grande Guerra Patriótica, e a subsequente Guerra Fria (1947 - 1991) alimentariam de maneira mais profunda a narrativa nacional soviética vigente e ditariam o tom da relação entre Ocidente e União Soviética até meados dos anos 80 com o governo de Gorbachev. De acordo com Tolz o desenrolar da Segunda Guerra Mundial possui 3 pontos-chaves que permitiam a manutenção da narrativa soviética e sua rejeição ocidental: em primeiro, estaria o ataque alemão à URSS, pois afinal de contas, era isso que bradava a propaganda estatal soviética e fora isso que de fato aconteceu — um ataque militar de uma nação europeia ocidental dentro do território russo. Em segundo lugar, Tolz afirma que a vitória soviética sobre a nação alemã constituía para a população soviética como uma confirmação do sucesso de seu regime e do comando eficiente de seu líder Stalin, a vitória seria assim o nascimento de um “mito” nacional. E em terceiro, a disseminação, através da propaganda estatal, da crença que os países aliados teriam propositalmente atrasado sua entrada na guerra colocando a URSS em posição de risco. Para a autora essa articulação de fatores permitia a URSS um fortalecimento de suas concepções e fortalecia junto à sociedade uma identidade nacional. Por outro lado, a autora nos explica que o contato dos soldados russos com o mundo exterior proporcionado pela guerra traria novamente para dentro de casa o debate acerca de possíveis reformas ou liberalizações, esses debates seriam reprimidos e só retornariam após o falecimento de Stalin em 1953. Do início da Guerra Fria até o governo Gorbachev a relação URSS-Ocidente seria marcada pela rivalidade entre regimes, pela corrida armamentista, pela corrida espacial e pela conquista de alianças, especialmente devido ao fato da União

⁷³ *Idem*

⁷⁴ *Ibid.*, p. 114

Soviética não ser neste momento o único país socialista. A comparação com o Ocidente, em especial os Estados Unidos, não era mais apenas um componente interno da identidade russa, mas contava com um componente externo — a profunda rejeição de seu modo de vida por parte do Ocidente mais firmemente reiterada que em qualquer outro momento.

O período de liderança do presidente soviético Gorbachev (1985 - 1991) seria o constituinte dos principais rompimentos ideológicos sob a União Soviética. Gorbachev assumiu o poder com boas intenções, suas pretensões, em um cenário de crise econômica insustentável, eram apenas reformar o sistema socialista de maneira que permitisse à URSS se adequar e acompanhar as mudanças econômicas do cenário internacional; seu objetivo não era o fim do regime soviético como viria a ocorrer, mas uma proposta de coexistência com o capitalismo⁷⁵ — como promovida por seu slogan “mais democracia, mais socialismo”⁷⁶. Os debates acerca do futuro soviético e da necessidade de reformas mais próximas do Ocidente, assim como uma possível democratização do regime soviético já ocorriam nos meios intelectuais desde a década de 1960⁷⁷; de acordo com Tsygankov a classe média soviética também já exibia sinais de insatisfação com a rigidez do regime desde a liderança anterior com Brezhnev, uma vez que possuíam contato com o mundo externo e viam nos desenvolvimentos tecnológicos ocidentais um sinônimo de avanço e sucesso⁷⁸, desse modo, por mais discrepantes com os governos anteriores que fossem as novas propostas de Gorbachev, certo espaço para essa movimentação existia domesticamente. No entanto, não devemos entender que essa abertura seria automaticamente uma alegação de desejo popular pelo fim da União Soviética, pois como defende Hobsbawm para a maior parcela da população “o regime soviético era legítima e inteiramente aceito”⁷⁹.

A reaproximação do Ocidente se daria com Gorbachev a partir da política externa do *New Thinking*. A expectativa de Gorbachev era migrar o foco do sistema internacional, que operava em uma oposição entre capitalismo e socialismo, a partir da hostilidade da Guerra Fria travada entre URSS e Estados Unidos, para uma nova perspectiva pautada na cooperação entre países para a resolução dos problemas globais — “comuns a toda humanidade”⁸⁰. As negociações com o Ocidente se destinaram então a temas militares, como o desarmamento e a

⁷⁵ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 34

⁷⁶ OKUNEVA, *op. cit.*, p. 24

⁷⁷ TOLZ, *op. cit.*, p. 120

⁷⁸ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 66

⁷⁹ HOBSBAWM, *op. cit.*, p. 366

⁸⁰ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 64

retiradas de tropas de territórios de outros países, e o fortalecimento de organizações internacionais, em especial a ONU, para o combate da fome e dos perigos ambientais⁸¹. Através de inúmeras concessões nesses campos, Gorbachev esperava uma redução da percepção do Ocidente sobre o perigo apresentado pela URSS ao mundo. No entanto, para Tsygankov, a resistência do Ocidente em cooperar nos acordos propostos por Gorbachev simbolizaria a ineficiência desse viés de política externa após tantas décadas de conflito.

Tsygankov nos explica que a política externa de Gorbachev, associada a sua política doméstica, que com a *perestroika* ocasionaria a piora da crise econômica em 1988, e a consequente debilitação do padrão de vida populacional; e sua negligência em relação às insurgências nacionalistas que começavam a aparecer em diversas regiões da União Soviética, gradativamente tornaram a preservação do regime socialista impraticável por conta dos ideais ocidentais que buscava implementar na reforma do sistema socialista:

Paradoxically, New Thinking contributed to the breakup of the Soviet Union. By aiming for the West's support and recognition, it inserted itself into the arena of Western, modern nation-states, making it increasingly difficult to discourage the Soviet ethnic republics from embarking on nationalist projects. Soon after the beginning of perestroika, nationalists were openly referring to the Soviet Union as the last empire in the "age of decolonization." By announcing glasnost and democratization, New Thinking also provided nationalists in Russia and other republics with the required channels for political mobilization.⁸²

Em termos de identidade nacional, o choque viria não apenas da aproximação com o Ocidente em vias de políticas externa, mas a partir do encerramento da propaganda orientada a caracterizar o Ocidente como um inimigo, e sua reconfiguração em defesa da União Soviética/Rússia como pertencente à Europa. Esse posicionamento teria encontrado grande resistência interna por parte dos intelectuais comunistas e neo-eslavófilos, mas seria o berço para que os intelectuais e políticos ocidentalizadores pudessem escalar até o poder em seguida⁸³. Por fim, as políticas reformistas de Gorbachev, por mais que fossem apenas uma tentativa de aprimorar o sistema soviético diante de um novo contexto internacional corrigindo seus obstáculos internos, teriam o efeito contrário acarretando no fim de seu regime e na crise de identidade nacional propiciada pela perda do regime que concendia a população russa todo seu sistema de valores desde 1917.

⁸¹ *Ibid.*, p. 71

⁸² *Ibid.*, p. 80

⁸³ *Ibid.*, p. 122-123

Gorbachev's foreign policy failed to deliver what New Thinking saw as perhaps the most important of its promises — reformulation of the Soviet cultural identity. Isolation from the world and the West was to be replaced by an image of a more open, democratic, and yet socialist nation confidently looking forward and even providing the world with an example to follow. Instead, **Russia found itself a deeply divided nation, with an identity crisis extending well into the post-Soviet era.**⁸⁴

A Década de 90 e a Crise de Identidade

O governo de Yeltsin (1991 - 1999) seria a primeira etapa do retorno da Rússia à sua condição de país individualmente fora do guarda-chuva da União Soviética. A chapa que chegara ao poder ao lado de Yeltsin tinha um objeto principal: tornar a Rússia um país ocidental sem contestação. Assim, o que já constituía uma ruptura nacional abrupta com Gorbachev ao final da União Soviética (que fora um trágico acidente ao invés de uma meta do último presidente soviético), encontrava com Yeltsin uma nova dimensão, na qual a toda a história russa, fosse o império dos czares, fosse sob domínio soviética seria rejeitada. Como explica Tsygankov: “seemed inevitable to sacrifice Russia’s historical identity to that of the West, and the leadership saw no tragedy in it”. De acordo com o autor a política de integração elaborada por Yeltsin e Kozyrev era pautada em três princípios: a terapia de choque, ou seja, uma reforma econômica rápida a fim de provar ao Ocidente o pertencimento do país e arrecadar investimentos financeiros em grande escala; o ingresso da Rússia nas organizações internacionais almejando um convite para participar da OTAN e do G-7 e participar da segurança internacional e da economia ao lado dos países europeus e do Estados Unidos; e a priorização da relação o Ocidente em detrimento dos vínculos com as ex-repúblicas soviéticas. No entanto, as expectativas russas foram imensamente o que se verificou foi uma submissão completa ao Ocidente e suas instituições, que não viam na Rússia a prioridade que Yeltsin esperava, com o endividamento da Rússia junto ao FMI, e o empobrecimento da população.

This concept of national interest was in many ways unprecedented; never before had Russia’s officials been as supportive of dismantling their imperial institutions, as critical of their own history, and as trusting of Western intentions. In Yeltsin and Kozyrev’s design, Russia was not only supposed to cooperate with the West on a

⁸⁴ TSYGANKOV, A. P. (2016) *Russia’s Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity*. 2th ed. (London: Rowman & Littlefield). 2010. p. 83. Grifo meu.

broad range of international issues, as Gorbachev had planned; it was to become the West at the expense of its own historically developed identity.⁸⁵

De acordo com Tolz, já em 1993 o que antes era curiosidade e otimismo por parte da população em relação às novas reformas e ao que o futuro poderia proporcionar, rapidamente se transformou em ressentimento pelo Ocidente, pois como afirma a autora as reformas ocidentalizadoras prometidas tiveram por efeito a piora vertiginosa do padrão de vida. As novas instituições econômicas propiciaram meios para a venda do país, se verificava privatizações e o crescimento de uma oligarquia que se aproveitava da corrupção rapidamente enriqueceu. Desse modo, a desigualdade de renda adentrava o país de forma não vista há um longo tempo:

Facing this brutally impoverished society, the privatization of major industrial corporations gave rise to a privileged class of entrepreneurs close to the government, namely the oligarchs, as well as to economic circles based on control over the shadow economy. Their displays of wealth deeply shocked a population accustomed to uniformity in life.⁸⁶

Ao final do primeiro governo Yeltsin a oposição era forte demais e o país assustadoramente debilitado. O crescer da ala estatista teria influência sobre o governo e sua rota de política externa mudaria se separando da dependência completa do Ocidente. No entanto, o estrago já havia sido feito para além das capacidades de Yeltsin repará-las. a Rússia da década de 90 sobrecarregada pela transição para o capitalismo em termos equivocados e ocidentalizadores era um choque pra sociedade, e a negligência dos sentimentos nacionais durante esse processo só aprofundava a distância entre povo e elite político, como também era responsável por criar grandes cisões entre o corpo social em si, as diferenças neste momento se destacavam muito mais do que as semelhanças que vinham sendo apagadas pelo sentimento de vergonha. Assim, o país deixado para seu sucessor, Vladimir Putin, era portanto politicamente vulnerável, com uma economia em crise e uma sociedade desamparada. O desafio para Putin era, portanto, imensurável.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 94

⁸⁶ LARUELLE, *op. cit.*, p. 15

PUTIN E A RECONSTRUÇÃO DO ORGULHO

Como vimos, a construção da identidade russa em contraste ao Ocidente foi um elemento marcante de sua história a partir do século XVIII. Essa dinâmica complexa passou pelo estabelecimento do Ocidente como um modelo a ser emulado durante o reinado dos czares Pedro I, Catarina I e Alexandre I, enfrentou relações conturbadas com os últimos czares, em especial Nicolau II, se transformou em rejeição completa do mundo ocidental durante o regime soviético, e encontrou no fim da União Soviética uma submissão russa exacerbada ao regime capitalista e as instituições ocidentais durante a década de 90. A Rússia assumida por Putin enfrentava diversos desafios e o repensar de sua relação com o Ocidente, que seguiu o seu Outro comparativo, estava no topo da agenda. Assim, neste capítulo seguiremos duas premissas principais para entendermos o impacto de sua política sobre o nacionalismo russo e consequentemente sobre a crise da identidade nacional. A primeira se destina a definição da posição russa em relação ao Ocidente durante o governo Putin. Em concordância com o historiador Angelo Segrillo, acreditamos que durante os anos de 2000 a 2008, o Governo Putin possa ser caracterizado pelo que é chamado de **Ocidentalismo Moderado**⁸⁷. Para melhor compreender como esse Ocidentalismo se manifesta analisaremos sua política externa, especialmente em relação ao Ocidente, com base nos estudos realizados por Andrei P. Tsygankov, e os discursos proferidos por Putin anualmente na Assembléia da Federação Russa. Em segundo, nossa teoria principal segue a argumentação da historiadora Marlène Laruelle na qual o nacionalismo na Era Putin atua de três formas: como instrumento de controle do espectro político; como criador de consenso social; e também como uma ferramenta na persecução do interesse estatal alicerçado em três pilares: a modernização, a normalização e a ocidentalização⁸⁸. Tendo abordado a ocidentalização com Tsygankov, dentro de nosso objetivo destinaremos uma maior atenção ao fator da criação de consenso e utilizaremos as obras da autora para acompanhar o resgate dos símbolos e da história russa (rejeitada na década de 90) nesse processo, assim como exporemos o caráter nacionalista presentes nos discursos realizados por Vladimir Putin nas comemorações anuais dos feriados nacionais dedicados ao passado, em especial, o Dia da Rússia (12 de junho), a celebração da

⁸⁷ SEGRILLO, Angelo. Rússia: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 240. Grifo meu.

⁸⁸ LARUELLE, Marlène. In the Name of the Nation. PALGRAVE MACMILLAN, 2009. p. 203

Vitória da Guerra Patriótica (9 de Maio), o Dia da Unidade Popular (4 de novembro) e o Dia do Defensor da Pátria (23 de Fevereiro). Entendendo esses pontos poderemos estabelecer uma melhor conclusão sobre os efeitos nacionais da Era Putin na reconstrução da nação e do orgulho de pertencimento à pátria russa.

Putin e o Ocidente

O início do século XXI vinha para a Rússia com um novo início político também. Após a renúncia de Boris Yeltsin ao final de 1999, o partido da Rússia Unida assumiria o poder com a liderança de Vladimir Putin. Como vimos, o contexto russo neste momento era permeado por desafios estruturais e as rotas escolhidas ao longo da década de 90 não haviam sido suficientes para resolver nenhuma das crises que se instalaram pelo longo território russo. Somada a crise econômica, social e política, as tensões no país aumentavam devido no campo da segurança com os atos terroristas que ocorriam no território da Chechênia.

A estratégia de Vladimir Putin partia de uma novas convicções que mesclavam diferentes linhas de pensamento político dentro da Rússia — o Estatismo e o Ocidentalismo⁸⁹. De acordo com Tsygankov, Putin não compreendia o sistema internacional com base em termos militares e de riscos de confronto entre Estados, como fora durante grande parte do século XX; para o novo presidente a competição internacional se estabelecia por meios de capacidades econômicas em primeiro lugar, desse modo às urgências para que a Rússia pudesse vir a obter sucesso e recuperar seu status de grande potência estavam na sua habilidade de se modernizar e o fazer ao lado da reconstrução de um Estado forte, que a Rússia deixara de ter na acelerada democratização do país. Compreendendo a integração do sistema internacional nesta nova etapa do capitalismo global, a visão de Putin se caracterizava como pragmática e autofocada⁹⁰, e os critérios para determinar as relações russas com diferentes partes do globo, em particular o Ocidente, estariam alicerçadas na possibilidade de proverem circunstâncias para se alcançar os interesses nacionais. Assim, classificamos, Putin, conforme a descrição oferecido por Segrillo:

Putin era um **ocidentalista moderado**. Isso permite colocá-lo em certo contraste com Yeltsin, que era um ocidentalista mais explícito, sem os tirar de um mesmo

⁸⁹ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 171

⁹⁰ *Ibid.*, p. 174

campo geral. Putin é um ocidentalista moderado porque parte de posições básicas ocidentalistas, mas também é um político pragmático e um gosudarstvennik (defensor de um Estado forte). Essas duas características extras fazem com que ele defenda **os interesses nacionais russos de uma maneira pragmática**. Não é que ele seja antiocidental a priori (ao contrário), mas se países do Ocidente procurarem subjugar, de maneira que considere inadequada, os interesses do Estado russo, Putin, agora senhor de um país economicamente mais fortalecido que a enfraquecida Rússia yeltsiniana dos anos 1990, se oporá firmemente. É importante entender essas nuances.⁹¹

Em concordância com o antigo presidente Yeltsin, a nova liderança russa também enxergava a Rússia como um país da Europa. Sua discrepância elementar estava no entendimento desse pertencimento russo. Enquanto Yeltsin pensava a Europa como um modelo ideal de existência em todos os setores da vida política, o qual deveria ser copiado para a Rússia a todo custo em busca de uma aprovação entre as nações ocidentais; para Putin o pertencer a Europa não constituía um atraso do país de qualquer forma, mas um fato histórico, de acordo com suas próprias: “ We are a part of the Western European culture. No matter where our people live, in the Far East or in the south, we are Europeans.”⁹²; e esse fato histórico não significava uma necessidade de apagamento da história russa, apenas reforçava outros elementos dela ao falar desse pertencimento. Ao destacar a Rússia como parte da Europa em seus discursos anuais a Duma, Putin o fazia reforçando a ideia que valores como a democracia e os direitos humanos já os pertenciam e haviam sido conquistados junto a Europa ao longo do tempo, conforme o discurso:

Above all else **Russia was, is and will, of course, be a major European power.** Achieved through much suffering by European culture, **the ideals of freedom, human rights, justice and democracy have for many centuries been our society's determining values.** For three centuries, we – together with the other European nations – passed hand in hand through reforms of Enlightenment, the difficulties of emerging parliamentarism, municipal and judiciary branches, and the establishment of similar legal systems. Step by step, we moved together toward recognizing and extending human rights, toward universal and equal suffrage, toward understanding the need to look after the weak and the impoverished, toward women's emancipation, and other social gains.⁹³

A reafirmação discursiva constante do pertencimento à Europa e da naturalidade das instituições ocidentais ao modo de vida russo se faziam necessárias quando pensamos o

⁹¹ SEGRILLO, Angelo. Rússia: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 240

⁹² TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 169

⁹³ PUTIN, Vladimir. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2005. Grifo meu.

trauma proporcionado por esses dois integrantes durante a década de 90. Para Putin a possibilidade de uma governança de êxito tanto na política externa quanto na doméstica partia do princípio que o medo da experiência passada passasse a se dissolver e ele pudesse assim conseguir conquistar o apoio popular. Desse modo, todos os discursos anuais de Putin, de 2000 a 2008, afirmavam a importância das instituições para o país, e também a possibilidade da coexistência entre instituições democráticas e o patriotismo russo.

The democratic organization of the country and the new Russia's openness to the world, do not contradict our uniqueness or patriotism, and do not hinder us from finding our own answers to issues of spirituality and morals.⁹⁴

Por mais que os discursos em sua maioria focassem na Europa, para a população russa a maior preocupação em relação à proximidade ao Ocidente se depositava na imagem dos Estados Unidos, devido ao histórico da Guerra Fria. Nesse sentido, os discursos de Putin focavam também em enfatizar a nulidade do risco do conflito entre países.

Yes, the period of confrontation has ended. We are building constructive, normal relations with all the world's nations – I want to emphasise, with all the world's nations. [...] The conclusion is obvious: in the world today, no one intends to be hostile towards us – no one wants this or needs it.⁹⁵

Os discursos de Putin focavam também na necessidade da recuperação do Estado forte, na urgência da modernização; na independência russa de instituições como o FMI; na valorização das organizações internacionais, em especial a ONU e a OMC, como ferramentas de conciliação de conflitos e desenvolvimento econômico respectivamente; e no terrorismo.

O Consenso Social e a Recuperação dos Símbolos

Enquanto os discursos anuais eram focados na política externa, na modernização e nos desenvolvimentos econômicos da nação, os discursos internos nos feriados anuais eram ferramentas nacionalistas orientadas ao exaltamento do passado e a criação de uma continuidade entre passado, presente e futuro. De acordo com Laruelle, o nacionalismo como

⁹⁴ PUTIN, Vladimir. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2000. Grifo meu.

⁹⁵ PUTIN, Vladimir. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2002. Grifo meu.

mecanismo de desenvolvimento de consenso social tinha por objetivo alcançar duas metas estatais. A primeira delas se referia ao propósito da criação do consenso entre a população. A Rússia assumida por Putin contava com um quadro social grave, uma vez que a desintegração da União Soviética acompanhada da acelerada entrada no capitalismo, provocara uma crise de identidade que apenas se aprofundava em um panorama de crise política e econômica dentro de um país gigantesco e culturalmente diverso. Assim, o vácuo de laços nacionais fortes proporcionara o ambiente ideal para a crescente de fenômenos negativos e perigosos como a xenofobia e o terrorismo. Em um contexto socialmente dividido, a criação do consenso tornava-se portanto uma prioridade. A segunda meta estaria conectada a uma característica de legitimação da lealdade pública e consenso entre os cidadãos e a elite política, pois a frustração proporcionada pela traumática transição de regimes resultara em desconfiança do povo russo em relação às instituições políticas, desse modo se fazia necessário uma reconquista desse vínculo por parte da presidência e do partido. A rota nacionalista e o resgate do passado faziam sentido dentro da construção de consenso como explica Laruelle:

Nothing is more consensual and self-evident than the topic of the motherland, insofar as it works to attenuate political divisions, to negate social potential conflicts, and to efface the multiplicity of cultural references by recentering discourse on the idea that the nation is in danger and must be defended. The Kremlin's patriotic agenda is therefore focused on three driving forces of consensus: the rehabilitation of fatherland symbols and institutionalized historical memory, the instrumentalization of Orthodoxy for symbolic capital, and the development of a militarized patriotism based on Soviet nostalgia.⁹⁶

Como entendemos previamente com Benedict Anderson, a imaginação de uma nação é um processo vitalício de narrativas. A ruptura da narrativa originada no desintegrar da União Soviética, em conjunto com todo seu sistema de crenças e valores, e a ausência de uma narrativa consistente perpetuada do alto durante os governos de Gorbachev e Yeltsin, associada a rejeição do passado recente russo praticada pelas elites políticas, tornaram acentuada a lacuna histórico-cultural identitárias criada dentro da sociedade russa. Não apenas os russos assistiam o desmembramento do seu território e a humilhação global de sua história, como também da noite para o dia testemunharam o desaparecimento de seus símbolos nacionais. Os símbolos constituem uma ferramenta essencial na consolidação da ideia de pertencimento e do estabelecimento de um “nós” mais palpável, com o hino de uma

⁹⁶ *Ibid.*, p. 154

forma audível e falável e com as bandeiras de maneira visível, sendo ambos recursos reprodutíveis. De acordo com Smith e Hobsbawm essas tradições nacionais e suas repetições “atendem a necessidades sociais e psicológicas muito difundidas na era moderna”⁹⁷. A partir desse viés compreendemos portanto o significativo papel desempenhado pela restauração dos símbolos czaristas e soviéticos, assim como a criação de novos símbolos remetendo a estes períodos, com a chegada de Putin ao poder do Estado, e seu apelo junto à sociedade. De acordo com Laruelle, a restauração desses elementos, em uma sociedade nostálgica em relação ao período soviético, contribuía para a criação do consenso social através da utilização de um passado cultural comum a toda população, que ao introduzir a cultura de volta a vida cotidiana fornecia ao cidadão russo comum a percepção de normalidade⁹⁸. Como exemplos da reoficialização dos símbolos pode-se mencionar: o hino nacional que possuía agora uma nova letra, mas mantinha a melodia utilizada no hino do período soviético; a distribuição de fitinhas de São Jorge, que durante o período soviético era o patrono de Moscou, nos eventos de comemoração do Dia da Vitória⁹⁹; a criação do emblema russo composto pela bandeira vermelha soviética e pela águia de duas cabeças czarista¹⁰⁰. Por mais que Putin tenha enfrentando críticas por parte da oposição acerca de suas escolhas dos símbolos da nação, sua defesa realizada na Duma em dezembro de 2000, consolidava discursivamente a narrativa que pretendia desenhar para a nação e exatamente onde deveriam se localizar o que Anderson denomina por “amnésias típicas”¹⁰¹: o passado russo deveria ser lembrado com orgulho pelas qualidades de seu povo e por suas contribuições para o mundo, e caso se fizesse necessário esquecer algo de sua história a fim de se seguir em frente que se esquecesse portanto os males provocados, uma vez que esses não seriam exclusivos da história russa. Para Putin, se tornava urgente que os símbolos fossem recuperados e que as conquistas associadas a eles fossem mais expressivas que os erros autoritários cometidos pelas lideranças, conforme elabora no excerto abaixo:

There have always been times when the authorities treated their people with unreasonable cruelty and their actions could not be justified. But if we follow only that logic, then we would have to forget about the achievements of our people over the centuries. What do we do about the achievements of Russian culture? What do

⁹⁷ SMITH, Anthony D. “O Nacionalismo e os Historiadores”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Organizador). Um Mapa da Questão Nacional. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000. cap. 6, p. 198

⁹⁸ LARUELLE, *op. cit.*, p. 155

⁹⁹ *Ibid.*, p. 156

¹⁰⁰ *Idem*

¹⁰¹ ANDERSON, *op. cit.*, p. 278

we do about Pushkin, Dostoevsky, Tolstoy and Tchaikovsky? What are we going to do about the achievements of Russian science, Mendeleyev, Lobachevsky and many, many others? What will happen to much of what we are proud of today? Yet, these names and these achievements were also associated with these symbols. And isn't there anything to remember from the Soviet period except Stalin's prison camps and repressions? [...] And what about the victory in the spring of 1945? **If we think about all this, we will have to admit that we can and must use all the main symbols of our state today.** [...] The most heated discussions recently have had to do with the anthem, the former Soviet anthem to Aleksandrov's music. We know the results of an opinion poll. The overwhelming majority of Russian citizens prefer that melody. One can hardly challenge the argument that not every issue can be solved by a majority vote. But let us not forget that we are talking about the majority of the people. **At the end of the day, these state symbols are offered to the people.** [...] If we agree that the symbols of earlier epochs, including the Soviet era, cannot be used, we would have to admit that a whole generation of our fellow citizens, our mothers and fathers, have lived useless and meaningless lives, that they have lived in vain. I cannot agree with that in my heart. **We have already lived through a period of history when we rewrote everything. We can act in the same way today. We can change the flag, the anthem and the coat-of-arms. But then we would certainly fit the description of "Ivans who do not remember their kin".**¹⁰²

Outro componente essencial citado por Laruelle na construção do sentimento nacional através do patriotismo e da criação de consenso entre a população foi a expansão dos feriados e das datas comemorativas. Laruelle expõe quatro importantes feriados para a memória russa sendo estes: 9 de maio, o Dia da Vitória, que datava do período soviético e era reservado a celebração da vitória do Exército Vermelho Russo sobre as tropas nazistas; a criação do feriado de 23 de fevereiro como o Dia do Defensor da Pátria (Defender of the Fatherland Day), que em 1922 fora dedicado a criação do Exército Vermelho¹⁰³, mas neste momento era redefinido para além do conceito militar para abranger “todo cidadão que é responsivo de uma forma ou de outra a causa nacional”¹⁰⁴; a restauração do feriado de 12 de junho, o Dia da Rússia; e a criação do feriado de 4 de novembro chamado de Dia da Unidade Popular, relembrando o fim do “Tempo de Dificuldades” e a vitória da dinastia Romanov em 1613. Não apenas esses eventos proporcionavam aos cidadãos momentos de descanso e confraternização, nos quais eram oferecidos a eles direcionamentos emocionais em relação a recortes específicos da própria história, descritos em termos orientados a incitar o orgulho, a honra, o amor a pátria, a nostalgia e os sentimentos de pertencimento e união, como criavam um cenário de aproximação entre população e Estado através dos discursos realizados anualmente pelo presidente nas celebrações destes feriados. Assim, se oficializava ao menos

¹⁰² Putin, Vladimir. Statement on the Bills on State Symbols Introduced at the State Duma. 2000. Grifo meu.

¹⁰³ LARUELLE, *op. cit.*, p. 158

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 157

quatro vezes ao ano pausas para relembrar o passado em associação a sua nova liderança. Durante seus discursos Putin enfatizava a união do povo russo, a necessidade do Estado forte, a resiliência dos russos na defesa do país em diferentes conflitos, as inovações criadas, a importância do patriotismo e o espírito do povo russo. A exemplo o excerto abaixo discursado no Dia da Rússia em 2003:

Every year in our centuries-long history, whether triumphant or dramatic, is part of the fate of our native land. So it is part of our common destiny. The destiny of millions of our ancestors who defended and transformed Russia, who multiplied its achievements and handed them down to their children. Our predecessors have taught us that **such a country as Russia can only exist if it is strong**. We have no right to forget history, history with all its bright and grim pages. [...] We know that our strength is in consolidation. Our victories are in **solid unity**. Russia is aware of its potential. It knows this and it is confident of its strength. **The confidence comes from the country's citizens, from the whole of Russian society.**¹⁰⁵

A ideia do futuro russo se depositava em uma combinação de destino histórico concedido pelos russos do passado com a necessidade de uma união russa no presente. Conforme discurso realizado por Putin no Dia da Unidade Popular em 2007:

Thanks to the unity displayed by the multinational people of Russia we managed to end the many years of troubles and internal strife. It was the way Russian society rallied together and the responsibility it took for the country's destiny that allowed us to defend our independence and renew Russian statehood. **We created the conditions to construct and establish an enormous great power, stretching from the Baltic to the Pacific Ocean.** Without a doubt, authentic patriotic actions by Russian citizens have constituted the might and power of our people over many centuries. They have promoted unfailing spiritual values that are transferred to generation from generation. [...] Modern Russia is strong not only because of its new economic successes or its growing influence in international affairs. Russia was and remains powerful thanks to **national unity** and, of course, thanks to the tremendous intellectual and creative potential of our people, talented, qualified people who sincerely desire to act for the benefit of their nation. This is the best bridge to the successful future of Russia, to reviving and strengthening **our country's historic role.**¹⁰⁶

Complementarmente a restituição dos símbolos czaristas e soviéticos e a expansão de feriados celebrativos do passado histórico, Laruelle destaca o valor do aparato militar para o novo governo a fim da criação do consenso nacional. Como explica a autora, neste momento não existia apenas uma ausência de consenso acerca da realidade social entre os cidadãos, mas também um atrito entre sociedade e exército devido aos fracassos da década de 90, mais especificamente a atuação na intervenção no Afeganistão e o aumento da violência no

¹⁰⁵ PUTIN, Vladimir. Speech during the Celebration of Russia Day. 2003. Grifo meu.

¹⁰⁶ PUTIN, Vladimir. Speech at the Reception on the Occasion of National Unity Day. 2007. Grifo meu.

território da Chechênia¹⁰⁷. Assim, se verificava uma sociedade fragmentada desconfiada de suas instituições e em constante depreciação de seu exército, que previamente constituía uma de suas principais personificações de poder e triunfo. Como consequência desse contexto se verificava uma queda do alistamento militar entre os jovens que necessitava ser revertida¹⁰⁸. A resolução encontrada pelo Estado para esses dois problemas seria então a promoção do exército como “metáfora da nação”¹⁰⁹ através da criação de programas de educação militar, e a utilização da mídia e dos discursos nos eventos nacionais para a exaltação de seu passado e também para ressaltar sua importância no presente, em especial durante os feriados de 9 de maio, o Dia da Vitória, remetendo à vitória da Segunda Guerra Mundial, o principal “mito” nacional russo. Laruelle explica que a transformação do exército em uma metáfora da nação fazia sentido enquanto fundadora de consenso uma vez o exército era capaz de “representar a continuidade história do país no decorrer de regimes políticos e a unidade nacional acima de diferenças étnicas, religiosas e regionais”¹¹⁰ e alcançar o topo das preocupações nacionais pois “o exército [...] incorpora o poder estatal: nenhum propósito estatal está acima da guerra”¹¹¹. Os discursos realizados por Putin no feriado do Dia da Vitória, iniciados sempre em “camaradas”, apresentam características semelhantes aos excertos que exibimos anteriormente, de valorização dos sacrifícios do povo russo, em especial o exército, e de destaque a União Soviética no combate ao nazismo.

Soldiers launched the offensive to bring victory closer. Mothers, wives and children bore the heavy burden of labour on the home front. Today, decades later, we honour the personal exploits of each and every one of them. Today we remember those who fell on the battlefield, those who were tortured in the camps and who died of hunger and from their wounds, all those who sacrificed their lives defending their country's unquestionable right to remain a free nation and who gave the world this day that liberated it from war.¹¹²

Mas em termos de análise o componente de destaque nos discursos destes eventos a partir de 2003 passa a ser as menções em relação a ascensão do terrorismo (dentro e fora da Rússia). Conforme afirma Laruelle a ideia da nação em perigo e que requer defesa atua como

¹⁰⁷ LARUELLE, *op. cit.*, p. 176

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 177

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 175

¹¹⁰ *Idem*

¹¹¹ *Idem*

¹¹² PUTIN, Vladimir. Speech at the Military Parade Commemorating the 59th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2004.

um sufocador de divisões políticas. No entanto existe uma importante observação a ser feita. Em diversos momentos durante a história internacional, em particular nas guerras do século XX, o medo da guerra e da invasão e dominação por parte do inimigo, fosse esse construído ou real, atuaram como mecanismos de convencimento da população de sua necessidade de defesa e sacrifício baseados, portanto, puramente na propagação do medo sob disfarce nacional. O que ocorre nos discursos de Putin, por mais que possa ser de certo modo semelhante, pois tem por objetivos a criação consenso social e também o aumento dos alistamentos para o exército, é diferente no sentido em que utiliza de duas construções discursivas: em primeiro lugar, os discursos se situam em um momento de celebração de vitória de uma guerra passada, em que se destaca o papel da Rússia, assim, a mensagem transmitida é a de que o risco apesar de presente é capaz de ser vencido, assim como fora em outro momento da história, a conexão é portanto criada por uma continuidade da história e da passagem da responsabilidade dos antepassados para os jovens russos. Conforme podemos notar abaixo:

It was unity that helped defeat fascism. This truly invaluable experience of unity is needed in our days as well. In the world there has appeared a new global and very serious danger — **international terrorism**. [...] In order to resist evil, **it is necessary to strengthen the armed forces of our country, to learn steadfastness from our fathers and grandfathers**. They did not waver in the face of a cruel and strong enemy, and their experience and their Victory are both our wealth and our spiritual beacon.¹¹³

Balanço da Era Putin

Abundantes são os fatores que interferem na construção de uma comunidade imaginada e mais variados são aqueles que compõem as peculiaridades dos indivíduos, desse modo não poderíamos alegar que os discursos de Putin seriam os motivadores exclusivos das mudanças vistas dentro do pensar e sentir ser russo na primeira década dos anos 2000. Todavia, o que podemos concluir após a análise é que em um país socialmente fragilizado a administração Putin teria sido eficiente em seu objetivo de fornecer a sociedade o sentimento de normalidade da vida cotidiana e a diminuição da percepção de rompimento com seu passado histórico. A Rússia ao compreender que a trajetória de seus cidadãos era a de conexão a lideranças e ao Estado fortes (demonstrando em períodos até mesmo expressivo cultos à personalidade — verificado no caso de Putin em diversas associações a mitos

¹¹³ PUTIN, Vladimir. Speech at the Military Parade Commemorating the 58th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2003. Grifo meu.

nacionais), e ao fornecer constantemente recursos, dentre eles discursivos, para fortalecer o vínculo entre líder e cidadão, combinados a uma boa fase econômica, teriam oferecido uma nova possibilidade ao povo russo de se conectar a sua identidade nacional e se sentir orgulhosa novamente de seu passado e também presente.

Em relação aos pontos discutidos quanto ao Ocidente na primeira parte deste capítulo seria arriscado dizer que os dois primeiros governos de Putin teriam sido responsáveis por apaziguar por completo às desconfianças em relação às instituições e aos países que compõem as lideranças ocidentais, por mais que houvesse por parte do presidente um esforço para ser um exemplo da boa vontade nesse sentido; a Rússia é um país marcado e conectado profundamente a sua complexa história com o Ocidente, em especial do século XX, no qual este era rejeitado profundamente durante sua maior parte e no final do século vira sua influência afetar negativamente os destinos da nação. No entanto, o que podemos verificar é que se realizou de fato um trabalho por parte do Estado neste caminho, e que seu resultado era verificável nas pesquisas de opinião ao final do segundo mandato. Por mais que ainda não fosse consenso entre os russos verem-se enquanto europeus, os sentimentos em relação à Europa eram positivos. Nessas pesquisas o presidente contava com grande aprovação popular e o medo de se tornar um alvo dos exércitos ocidentais diminuía — a perspectiva da coexistência e da integração conciliadora se tornava mais aceitável.

Russians showed their lack of strong identification with Europe or Asia — a disappointment for both liberal Westernist and Eurasianist hopes. In March 2007, only 38 percent saw Russia as a part of Europe, while 45 percent claimed Russia was a particular Eurasian civilization with interests in moving toward the East in the future. The poll should not be read as anti-European, however, **as the notion “Europe” brought positive emotions from 77 percent of Russians** [...] Russians showed their support for assertive tactics for advancing national interests in the world. One poll indicated that most of them approved of Putin’s tough approach and “welcome the readiness of the authorities to discuss energy matters with the neighbors from the position of strength.” About 61 percent viewed Putin’s course as “well-considered and well-balanced,” and **only about 40 percent felt that another Cold War with the West was possible, while 48 percent did not think so.**¹¹⁴

Já no que concerne à restauração dos símbolos czaristas e soviéticos, a institucionalização dos programas de estudo militares, em associação a expansão das celebrações do passado histórico e aos discursos praticados anualmente nestes eventos, os

¹¹⁴ TSYGANKOV, *op. cit.*, p. 231. Grifo meu.

resultados são evidentemente mais expressivos e demonstram o sucesso da Era Putin na reconexão da sociedade atual a comunidade imaginada que fora construída durante todo o século XX — a sociedade russa evidenciava não necessitar da invenção de um novo significado do ser russo, mas de ser lembrada de quem foram e poderiam continuar a ser, agora sobre outro modelo de regime. As pesquisas ao final do meio para o final do segundo Putin exibiam esta realidade:

At the time of the Soviet Union’s collapse and the early Yeltsin years, the polls were unanimous in showing that Russians had a very negative view of themselves. According to VTSIOM surveys, between the beginning and the end of the year 1991, affiliation with the phrases “we are worse than everyone else” or “we bring only negative things to the world” climbed from 7 percent to 57 percent. [...] In a 2002 sociological survey that asked what aspects of life in contemporary Russia gave them a sense of pride, half of those surveyed had no answer to offer or found the question irrelevant, while 20 percent said that nothing made them feel proud. However, this figure dropped rapidly in the following years: in 2006, only 3 percent of respondents replied that they were not proud of anything in Russia. [...] In December 2006, a survey revealed that **57 percent of respondents claimed to be patriots (*patrioty*)**, against 30 percent who claimed they were not. This rapid change in assessment was made possible by the construction of a parallel between pride in oneself and pride in one’s own country, embodied primarily in the visual and festive rehabilitation of symbols of the nation.¹¹⁵

Desse modo, como resultado das políticas orientadas ao cuidar do sentimento nacional, a primeira Era Putin se encerrou com uma sociedade demasiadamente mais segura de sua nação e da trajetória que a permitiu chegar até ali, não mais com vergonha, mas com orgulho.

CONCLUSÃO

A Rússia assumida por Vladimir Putin no início do século XXI constituía um país politicamente fraco, economicamente dependente de ajuda externa, e com uma população não apenas em angústia pelas circunstâncias de vida minguada, mas também profundamente ferida no que se referia ao caráter nacional ao ser apartada de sua trajetória histórica ao final do século XX com o desintegrar da União Soviética diretamente para uma rápida entrada do país no capitalismo selvagem. A pauperização, a retirada abrupta dos símbolos nacionais da vida cotidiana, o enfraquecimento das instituições, a submissão do Estado nacional aos países ocidentais que eram antes vistos como inimigos, em conjunto com a adoção dos valores e do

¹¹⁵ LARUELLE, *op. cit.*, p. 154-155

modo de vida dessas nações, e a rejeição de todo o arsenal histórico e cultural que possuía o povo russo antes de 1917 e após a revolução sobre guarda-chuva da União Soviética, não poderiam resultar em outra consequência que não fosse uma profunda crise de identidade nacional. Neste cenário que podemos chamar de caótico, o novo governo sob liderança de Putin, em um racional e delicado repensar da questão nacional foi capaz de redesenhar o caminho da nação. Através de políticas sociais orientadas a relembrar o passado em uma visão envolta pelo orgulho de pertencimento àquela história, e constantes discursos de valorização do povo russo, pela primeira vez após longos 11 anos da inserção da Rússia entre as democracias ocidentais, às pesquisas populares puderam constatar o início da recuperação do imaginar da comunidade russa — a nação russa.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008

CARR, Edward H. *Nationalism and After*. Londres, Macmillian, 1945.

GELLNER, Ernest. “O Advento do Nacionalismo e Sua Interpretação: Os Mitos da Nação e da Classe”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Organizador). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000. cap. 6, p. 107-154.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *A era dos impérios (1875 - 1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IÑIGUEZ, Lupicinio. et al. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. 2a edição. Petrópolis: Editora Vozes. 2005

LARUELLE, Marlène. *In the Name of the Nation*. PALGRAVE MACMILLAN, 2009.

Mode of Life and Living Standards of Russian Population in 1990-2009. Moscow HSE Publishing House. 2011.

OKUNEVA, Liudmila. *Os 25 anos da Política Externa da URSS/Rússia: questões-chave, evolução, perspectivas (1985-2010)*. In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.)

PANOV, Petr. "Nation-building in post-Soviet Russia: What kind of nationalism is produced by the Kremlin?". In: Journal of Eurasian Studies, Volume 1, Issue 2. 2010, p. 85-94

PUTIN, Vladimir. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2000. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21480>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2001. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21216>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2002. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21567>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2003. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21998>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2004. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22494>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2005. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22931>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2006. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/23577>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation. 2007. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24203>> Acesso em: 17 de julho de 2022.

_____. Speech at the ceremonial reception for the Day of National Unity. 2005. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/23252>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 57th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2002. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21587>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 58th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2003. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/28605>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 59th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2004. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22453>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 60th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2005. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22959>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 61th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2006. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/23576>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Military Parade Celebrating the 62th Anniversary of Victory in the Great Patriotic War. 2007. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24238>> Acesso em: 18 de julho de 2022

_____. Speech at the Reception Celebrating the Day of Russia. 2005. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/23021>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

_____. Speech at the Russia Day Celebrations. 2004. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22504>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

_____. Speech during the Celebration of Russia Day. 2003. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22023>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

_____. Statement on the Bills on State Symbols Introduced at the State Duma. 2004. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21137>> Acesso em: 03 de maio de 2018

SEGRILLO, Angelo. Rússia: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SMITH, Anthony D. “O Nacionalismo e os Historiadores”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Organizador). Um Mapa da Questão Nacional. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000. cap. 6, p. 185-208.

STALIN, Joseph V. “Marxism and the National Question”. Vienna. 1913.

SUTHERLAND, Claire. “Nation Building through Discourse Theory”. In: Nations and Nationalism, ASEN, 2005. p. 85–202.

TOLZ, Vera. Russia. Série “Inventing the Nation”. Londres: Arnold; Nova York: Oxford University Press, 2001.

TSYGANKOV, A. P. (2016) Russia’s Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity. 2th ed. (London: Rowman & Littlefield). 2010.

VERDERY, Katherine. “Para onde vão a “nação” e o “nacionalismo”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Organizador). Um Mapa da Questão Nacional. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000. cap. 9, p. 239-247.